



Universidade de Brasília
Faculdade de comunicação
Departamento de Audiovisuais e Publicidade

TATIANA MONIZ DE ARAGÃO DOS SANTOS

**A REPRESENTAÇÃO DA DEPRESSÃO E DO SUICÍDIO
EM *13 REASONS WHY***

**Brasília
2018**

TATIANA MONIZ DE ARAGÃO DOS SANTOS

A REPRESENTAÇÃO DA DEPRESSÃO E DO SUICÍDIO EM *13 REASONS WHY*

Monografia apresentada ao curso de Comunicação Social, da Universidade de Brasília, como pré-requisito para a obtenção de título de Bacharel em Audiovisual.

Orientadora: Rafiza Luziani Varão Ribeiro Carvalho

Brasília
2018

TATIANA MONIZ DE ARAGÃO DOS SANTOS

A REPRESENTAÇÃO DA DEPRESSÃO E DO SUICÍDIO EM 13 REASONS WHY

Monografia apresentada ao curso de Comunicação Social, da Universidade de Brasília, como pré-requisito para a obtenção de título de Bacharel em Audiovisual.

Orientadora: Rafiza Luziani Varão Ribeiro Carvalho

Brasília, __/__/2018

Banca examinadora

Rafiza Varão — Orientadora
Professora na Universidade de Brasília

Elton Bruno Pinheiro
Professor na Universidade de Brasília

Felipe Polydoro
Professor na Universidade de Brasília

Dedico esse trabalho a Fernando Antônio Batista dos Santos e Rovená Maria Moniz de Aragão que me criaram com dedicação e cuidado, cujos conselhos, carinho e amor foram essenciais para a conclusão desse trabalho, assim como para vencer as dificuldades da vida.

Dedico também a todas as pessoas que, como eu, lutam ou lutaram contra a depressão. Que cada dia traga mais força a essa batalha e nos direcione no caminho da saúde e felicidade.

AGRADECIMENTOS

Esse trabalho não seria possível sem o apoio da minha orientadora Rafiza Varão, que me guiou e acolheu nesses últimos seis meses com profissionalismo, carinho e cuidado. Também não seria possível sem o apoio de Denise Moraes e Elton Bruno Pinheiro, que desde o início me motivaram a seguir com meu tema.

Agradeço também a minha irmã Isabela Moniz de Aragão Laydner e aos meus amigos do peito: Igor Ferreira, Isabelle Luz, Arícia Roberta, Fernanda de Lima, Jorge Amorim, Arthur Araújo e Beatriz Lopes, pelo amor, apoio e carinho diários que me deram motivação para trabalhar e aprender, mesmo nos momentos mais difíceis.

“Acredito que as palavras são fortes, que podem esmagar o que tememos mesmo quando o medo parece mais terrível do que o lado positivo da vida. Tenho me voltado com cada vez mais atenção, para o amor. O amor é outro modo de avançar.”

(Andrew Solomon)

RESUMO

Em 2017, a plataforma Netflix lançou o seriado *13 Reasons Why*, um drama adolescente que tinha como principal premissa o suicídio de Hannah Baker, a personagem ficcional principal da narrativa. Desde então, gerou discussões e polêmicas baseadas na maneira como conteúdos sensíveis eram representados na obra, incluindo a questão da saúde mental e o suicídio. Esse trabalho tem como objetivo analisar essas maneiras de representação, focando-se principalmente nos tópicos depressão e suicídio. Por meio da análise de conteúdo e a consulta de manuais voltados a maneiras responsáveis de se retratar o suicídio, buscamos elucidar as razões pelas quais as maneiras como tais conceitos foram abordados na série são irresponsáveis.

Palavras-chave: Representação do suicídio. Representação da depressão. *Netflix*. Seriado *13 Reasons Why*. Análise de Conteúdo.

ABSTRACT

In 2017, Netflix released a series named *13 Reasons Why*, a teenage drama that had as main premise the suicide of Hannah Baker, the main fictional character of the narrative. Since then, it has arisen discussions and controversies based on the way that sensitive subjects were pictured at the show, including the matter of mental health and suicide. This thesis has the goal of analysing those ways of depiction, focusing especially on the topics of depression and suicide. Through content analysis and the support of guides based on responsible ways of picturing suicide, we seek to understand the reasons why the ways used on the series to talk about these subjects are irresponsible.

Key-Words: Suicide representation. Depression representation. *13 Reasons Why series*. *Netflix*. Content Analysis.

ÍNDICE DE TABELAS

Tabela 1 - Recomendações para Noticiar Suicídio	38
---	----

ÍNDICE DE FIGURAS

Figura 1 - Logan Paul e sua equipe em Aokigahara após acharem o corpo	13
Figura 2 - Tweet de Aaron Paul após o incidente.....	14
Figura 3- Melancolia 1 de Albrecht Dürer (1514).....	32
Figura 4 - Cartaz de 13 Reasons Why(2017).....	45
Figura 5 - Armário de Hannah Baker (Episódio 1).....	47
Figura 6-Clay Jensen culpado após ouvir sua fita (Episódio 11).....	48
Figura 7- Clay Jensen quase é atropelado (Episódio 1).....	49
Figura 8- Clay Jensen após levar uma surra de Bryce walker (Episódio 12)	49
Figura 9- Alex Standall se joga na piscina, sentindo o peso da culpa (Episódio 3)	50
Figura 10 - Alex Standall após a surra (Episódio 6).....	51
Figura 11-Clay leva Courtney ao túmulo de Hannah (Episódio 5)	52
Figura 12-Túmulo de Hannah (Episódio 5).....	52
Figura 13-Clay acha a caixa de fitas de Hannah (Episódio 1).....	55
Figura 14-Disclaimer sobre violência sexual nos episódios 9 e 12	57
Figura 15 -Hannah vê Bryce momentos antes do estupro de Jessica (Episódio 9).....	58
Figura 16 - Bryce estupra Hannah (Episódio 12)	59
Figura 17 - Close up no rosto de Hannah durante o estupro (Episódio 12).....	60
Figura 18 - Clay recebe os remédios da mãe (Episódio 2)	63
Figura 19 - Clay recebe a foto comprometedora de Hannah pelo celular (Episódio 1).....	66
Figura 20 - Jessica estapeia Hannah (Episódio 2)	68
Figura 21 -Hannah no início da série (Episódio 1)	70
Figura 22 - Hannah no final da série (Episódio 13).....	71
Figura 23- Hannah e Clay juntos em devaneio (Episódio 11).....	71
Figura 24 - Hannah com os pulsos cortados no sonho de Clay (Episódio 5)	75
Figura 25 - Clay com a camisa suja com o sangue de Hannah (Episódio 5).....	75
Figura 26-Visão de Hannah morta na quadra de basquete (Episódio7).....	76
Figura 27- Ophelia de John Everett Milais (1851-1852).....	76
Figura 28 - Hannah rouba as lâminas na farmácia dos pais (Episódio 13).....	78
Figura 29- Lâminas utilizadas no suicídio (Episódio 13)	78
Figura 30 - Hannah se olha no espelho, momentos antes de suicídio (Episódio 13).....	79

Figura 31 - Manuseio da ferramenta de suicídio (Episódio 13).....	79
Figura 32 - Hannah na banheira (Episódio 13).....	80
Figura 33 - Detalhe da lâmina na pele (Episódio 13)	80
Figura 34 - Hannah Baker corta os pulsos (Episódio 13)	81
Figura 35 - Pais de Hannah Baker a encontram morta (Episódio 13)	82

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	13
2	SUICÍDIO E DEPRESSÃO.....	18
2.1	DEPRESSÃO.....	20
2.2	SUICÍDIO	24
3	DEPRESSÃO E SUICÍDIO NAS ARTES	30
4	O MANUAL PARA PROFISSIONAIS DA MÍDIA (OMS)	35
4.1	RECOMENDAÇÕES DA OMS	37
4.2	REPORTING ON SUICIDE.....	38
5	ANÁLISE DE CONTEÚDO	39
6	13 REASONS WHY.....	42
6.1	CULPA, LUTO E FITAS.....	46
6.2	ESTUPRO, SILÊNCIO E DESAMPARO	57
6.3	MACHISMO E DEPRESSÃO.....	65
6.4	SUICÍDIO	72
7	CONCLUSÃO	83
	REFERÊNCIAS.....	85

1. INTRODUÇÃO

No dia 31 de dezembro de 2017, Logan Paul, um famoso youtuber e *vlogger* norte-americano, publicaria na plataforma Youtube um vídeo que chocou a comunidade online, bem como pessoas do mundo inteiro. Intitulado “*We found a body in the Japanese Suicide Forest*”¹, o vídeo, em formato de *vlog*, era uma aparente sequência de uma série realizada no Japão pelo youtuber. Esse *vlog*, porém, começou diferente dos outros. Nele, Logan Paul adicionou uma introdução onde afirma que o vídeo mudaria a história do Youtube.

De fato, houve muita polêmica. O vídeo rapidamente obteve 6,5 milhões de visualizações. Logan Paul havia entrado na floresta *Aokigahara*², conhecida por seus suicídios, deixando a trilha recomendada aos turistas e encontrado uma vítima de suicídio por enforcamento. O youtuber, acompanhado dos amigos e equipe, abordou o corpo, filmando-o, e permaneceu no local por vários minutos. Apesar de ter desfocado o rosto, Logan Paul se aproxima do corpo, enfocando as mãos e mostra as posses da vítima, abandonadas nas proximidades. Durante o vídeo é possível ver o Youtuber e os amigos fazendo piadas e rindo.

Figura 1 - Logan Paul e sua equipe em *Aokigahara* após acharem o corpo



Fonte: “Logan Paul Found A Dead Body Reupload Suicide Forest Video” - Youtube

¹ Disponível em < <https://www.youtube.com/watch?v=LaWYTbu4qsw>>. Acesso em 5 de novembro de 2018.

² Floresta japonesa localizada no monte Fuji, conhecida por seu histórico com suicídios.

A reação online foi rápida. Ao redor do mundo, diversas celebridades começaram a postar vídeos, *tweets*, todos desaprovando a conduta de Logan Paul. As mensagens possuíam um ponto em comum: “Suicídio não é uma piada” (FIGURA 2). E de fato, não é. De acordo com a OMS, o Suicídio é um grave problema de saúde pública.

A cada ano, cerca de 800 mil pessoas tiram a própria vida e um número ainda maior de indivíduos tenta suicídio. Cada suicídio é uma tragédia que afeta famílias, comunidades e países inteiros e tem efeitos duradouros sobre as pessoas deixadas para trás. O suicídio ocorre durante todo o curso de vida e foi a segunda principal causa de morte entre jovens de 15 a 29 anos em todo o mundo no ano de 2016 ³(OMS, 2018, online).

Apenas com isso, a indignação já seria justificada. A retratação de mal gosto de Logan Paul falta com o respeito a vítima e seus familiares. A situação, porém, ainda possui efeitos mais graves.

Figura 2 - Tweet de Aaron Paul após o incidente



Fonte: https://twitter.com/aaronpaul_8/status/948032944408444928?lang=en

³ Disponível em < https://www.paho.org/bra/index.php?option=com_content&view=article&id=5489:campanha-doe-um-minuto-de-seu-tempo-mude-uma-vida-busca-conscientizar-sobre-prevencao-ao-suicidio&Itemid=839>. Acesso em 2 de outubro de 2018.

Ainda de acordo com a OMS, somos apresentados a noção de que não é só mal gosto e falta de respeito que imperam nesse vídeo, como também uma questão mais grave que será explorada nesse trabalho: O efeito de contágio do suicídio, ou “efeito Werther.”

Segundo Daniel Elia, consultor em saúde mental, álcool e outras drogas da OPAS/OMS no Brasil, para estabelecer programas de prevenção ao suicídio eficazes é necessário identificar os métodos mais utilizados para consumá-lo e dificultar seu acesso indiscriminado à população. O profissional citou também algumas das recomendações do organismo internacional para a prevenção do suicídio, entre elas, uma cobertura responsável desses eventos por parte da imprensa. “A difusão responsável de informações pelos meios de comunicação é importante. De uma maneira geral, eles não devem ‘glamourizar’ o suicídio, nem contar os pormenores do que ocorreu”, informou⁴ (OMS, 2018, online).

Logan Paul falhou em sua cobertura responsável e apesar de ser “duramente repreendido” pela plataforma Youtube, não sofreu sanções graves. O Youtube sequer chegou a tirar o vídeo do ar, deixando isso a cargo do próprio Logan Paul. A razão para isso é simples: A cultura de visualizações gera dinheiro para o Youtube e o vídeo de Logan Paul obteve 6,5 milhões de *likes* em um curto espaço de tempo.

A consultoria SocialBlade estima que Paul ganha até US\$ 14 milhões por ano. O YouTube fica com 45% do dinheiro de publicidade gerado através dos criadores (exceto quando o vídeo é desmonetizado). Ou seja, existe um incentivo — ainda que implícito — dos canais e do próprio YouTube para conseguir o máximo de visualizações possível. O vídeo de Paul, que filmou uma vítima de suicídio para fazer piadas, leva isso às últimas consequências⁵ (VENTURA, 2018, online).

Não é a primeira vez que um delicado assunto de saúde mental é alvo de exploração para a cultura youtuber e a mentalidade de visualizações. A depressão também figura como um tópico polêmico que com frequência é tratado em vídeos que arrecadam não apenas milhares de visualizações, como também parcerias pagas com sites de terapia online como *Better Help.com*.

Considerando o papel de importância dos meios de comunicação para a formação de conceitos e para informação em geral e, especialmente, a grande influência dos conteúdos divulgados pela internet nesse processo, nos deparamos com *13 Reasons Why*, o seriado norte-

⁴ Disponível em <https://www.paho.org/bra/index.php?option=com_content&view=article&id=5674:suicidio-e-grave-problema-de-saude-publica-e-sua-prevencao-deve-ser-prioridade-afirma-opas-oms&Itemid=839>. Acesso em 1 de novembro de 2018.

⁵ Disponível em <<https://tecnoblog.net/231183/logan-paul-polemica-youtube/>>. Acesso em 5 de novembro de 2018.

americano que nos propusemos a analisar. Acumulando polêmicas desde o seu lançamento, o seriado da Netflix, direcionado para o público adolescente, é uma adaptação do livro homônimo de Jay Asher, adaptada para a televisão por Brian York, sobre Hannah Baker, uma menina que sucumbe a depressão, até finalmente cometer suicídio. Contando com duas temporadas completas e vinte seis episódios, até o ano de 2018, promete uma terceira temporada em 2019. A série é conhecida como um dos maiores sucessos do site Netflix. Toda essa popularidade advém do mesmo motivo pelo qual o vídeo de Logan Paul recebeu tanta atenção: a questão do suicídio em pauta.

Em ambos os conteúdos, existe uma política de “Precisamos falar sobre Suicídio”, expressa verbalmente tanto no vídeo de Logan Paul, quanto no seriado *13 Reasons Why*. Sem dúvida, o suicídio e a depressão estão cercados de tabus e isso não favorece ou ajuda as vítimas, que acabam não procurando ajuda. Contudo, isso também nos faz perguntar: De que maneira esses assuntos estão sendo tratados?

A OMS deixa claro o cuidado que se é necessário ter ao noticiar suicídios reais. Contudo, nossa análise aqui se dará nas mensagens do seriado, baseando nosso estudo na premissa de que, mesmo os conteúdos ficcionais podem ter grande peso na influência de possíveis contágios ou formação de valores sobre saúde e doenças psicológicas, em especial, a depressão.

Apesar de o efeito multiplicador ser menor quando a influência vem de romances, filmes e séries, em vez de casos reais e famosos, as obras de ficção também podem ser perigosas para pessoas fragilizadas. Em 1981, dois pesquisadores alemães estudaram o efeito de um suicídio mostrado em um episódio de uma série de TV exibida na Alemanha Ocidental. O número de jovens que tentaram se matar usando o mesmo método apresentado na ficção aumentou nos 70 dias seguintes à transmissão. Em 1999, um estudo na Inglaterra sugeriu o mesmo efeito. Depois que a novela *Casualty* exibiu um episódio em que um piloto da Força Aérea britânica tomava uma overdose de medicamentos para se livrar do fantasma da morte de um colega em um acidente, as tentativas de suicídio usando o mesmo método cresceram 17% em 49 serviços de emergência da Inglaterra. Na segunda semana, o efeito ainda era sentido: os casos foram 9% mais frequentes. Entre os sobreviventes, 20% relataram aos pesquisadores que a série influenciou sua decisão de tentar tirar a própria vida e 17% afirmaram ter escolhido o método por terem visto o episódio. ⁶(BUSCATO, 2017, online).

⁶ Disponível em < <https://epoca.globo.com/saude/check-up/noticia/2017/07/serie-13-reasons-why-estimulou-ideias-de-suicidio-diz-estudo.html>>. Acesso em 3 de novembro de 2018.

Nosso estudo terá como amparo o *Manual para Profissionais da Mídia*, disponibilizado pela OMS em 2000 e a tabela do site norte-americano Reporting on Suicide.com. Por meio de uma análise de conteúdo categorial, separaremos pontos importantes a serem analisados no enredo e nas personagens, a fim de compreender como o universo de *13 Reasons Why* é construído, como ocorre a representação do suicídio e analisar se o seriado segue com as recomendações. Iniciaremos nosso trabalho apresentando conceitos importantes a serem esclarecidos antes da análise; no tópico dois a seguir, exploraremos mais a fundo a depressão e o suicídio com o foco principal em contextualizar e definir esses dois importantes termos para a pesquisa. No tópico três trataremos das maneiras como o suicídio e a depressão foram retratados no correr da história, observando as diferenças e nuances a fim de podermos compreender como esses conceitos são retratados no século XXI.

Em seguida no tópico quatro e subtópicos, trataremos dos manuais utilizados para pautar a nossa análise, introduzindo-os. No tópico cinco iremos abordar o método base do trabalho: a análise de conteúdo. No tópico seis o foco estará já na série, contendo uma pequena sinopse e resumo dos acontecimentos e personagens, bem como quatro subtópicos de análise em temas. Por fim, no tópico sete teremos as conclusões do trabalho sintetizadas.

2. SUICÍDIO E DEPRESSÃO

O escritor e psicólogo Jesus Landeira-Fernandez esboça uma definição de transtornos mentais em seu livro *Cinema e Loucura: conhecendo os transtornos mentais através dos filmes*:

Utiliza-se o termo transtorno mental para indicar a presença de um conjunto de vivências subjetivas ou comportamentos que causam sofrimento significativo ou um importante prejuízo no funcionamento social, ocupacional ou em qualquer outra área importante da vida do indivíduo (LANDEIRA-FERNANDEZ; CHENIAUX, 2010, p.25).

Por muitos séculos, muito se ponderou sobre esses estados mentais, que, todavia, ainda permanecem um mistério para muitos profissionais voltados ao estudo da mente. É certo que esse pasmo e essas dúvidas, um dia também levaram o homem a chamar o transtorno mental de loucura e excluí-lo dos meios sociais, isolando os portadores dessas condições, como visto na obra de Michel Foucault em *História da Loucura*. Todavia, os transtornos mentais são mais comuns do que imaginamos.

Os transtornos mentais fazem parte da nossa experiência diária. Eles são muito mais comuns do que se imagina. Dados epidemiológicos estimam que entre 30 e 40% dos brasileiros apresentaram pelo menos uma vez na vida um transtorno mental (Mello; Mello; Kohn, 2007). Dessa forma, inevitavelmente, cada um de nós tem um vizinho, um amigo, ou mesmo um familiar que já sofreu ou está sofrendo desse problema (LANDEIRA-FERNANDEZ; CHENIAUX, 2010, p. 23).

Dentro desse raciocínio, não se torna mais possível afastar o “louco” do meio social, pois grande parte da população seria considerada louca. Assim, hoje a preocupação está baseada nos cuidados e, dentre esses transtornos, a depressão apresenta números alarmantes, sendo considerada uma das “condições prioritárias cobertas pelo *Mental Health Gap Action Programme (mhGAP)* da Organização Mundial da Saúde (OMS)” ⁷(OMS, 2018).

A depressão é descrita pelo escritor Solomon como Imperfeição no Amor:

Quando estão bem, certas pessoas amam a si mesmas, algumas amam a outros, há quem ame o trabalho e quem ame Deus: qualquer uma dessas paixões pode oferecer o sentido vital de propósito, que é o oposto da depressão. O amor nos abandona de tempos em tempos, e nós abandonamos o amor. Na depressão, a falta de significado de cada empreendimento e de cada emoção, a falta de significado da própria vida se torna evidentes. O único

⁷ Disponível em <https://www.paho.org/bra/index.php?option=com_content&view=article&id=5635:folha-informativa-depressao&Itemid=822> .Acesso em 2 de outubro de 2018

sentimento que resta nesse estado despido de amor é a insignificância (SOLOMON, 2009, p.12).

A falta de significado e o sentimento de insignificância tornam a depressão altamente incapacitante:

Um levantamento realizado pela Universidade Federal de São Paulo, em parceria com o Ministério da Saúde, constatou que maior parte dos casos de licença para o tratamento de saúde no Brasil está relacionada a um diagnóstico psiquiátrico. Entre as 10 principais causas do afastamento do trabalho, cinco estão relacionadas a transtornos mentais, sendo a depressão a causa número um (LANDEIRA-FERNADEZ; CHENIAUX, 2010, p.23).

A falta de produtividade, porém, é apenas uma das faces dessa doença. A depressão afeta bruscamente a qualidade de vida do indivíduo, tornando a sua própria existência um sofrimento. “A depressão começa do insípido, nubla os dias com uma cor entediante, enfraquece ações cotidianas até que suas formas claras são obscurecidas pelo esforço que exigem, deixando-nos cansados, entediados e obcecados com nós mesmos” (SOLOMON, 2009, p. 15). O suicídio por sua vez, vem quase sempre atrelado ao agravamento da condição depressiva.

A Associação Brasileira de Psiquiatria –ABP (2009) aponta um elo entre o comportamento suicida e os transtornos mentais. Os dados comprovam que de 15.629 pessoas que suicidaram, 90% dos casos enquadrariam em algum transtorno mental. A depressão maior se destaca com o índice de 35,8% dos casos de suicídio (ASSUMPCÃO; OLIVEIRA; SILVA DE SOUZA, 2017, p.314).

Por essa razão, os dois costumam caminhar juntos e trabalhar para a prevenção da depressão, pode ajudar a diminuir os números de suicídios ao redor do mundo, que são alarmantes.

Suicídio é uma das maiores causas de mortalidade ao redor do mundo, especialmente entre sujeitos jovens. Consequente à sua crescente prevalência, esta condição tem sido considerada como uma questão de saúde pública. Recentemente, estudos epidemiológicos de prevalência têm descrito grandes variações interculturais e por faixa etária. De modo geral, a prevalência de mortes por suicídio é mais elevada nos países da Europa Oriental, mas baixas em países das Américas Central e do Sul. As taxas dos Estados Unidos, Europa Ocidental e Ásia figuram na faixa central. No Brasil, 24 pessoas morrem diariamente por suicídio, sendo que essa informação acaba por ser não divulgada. Assim, o impacto do suicídio é obscurecido pelos homicídios e pelos acidentes de trânsito, que excedem em seis e quatro vezes, em média

e respectivamente, o número de suicídios (CHACHAMOVICH; STEFANELLO; BOTEAGA; TURECKI, 2009, p.19).

O seriado norte-americano *13 Reasons Why* produzido pela empresa Netflix, a ser analisado neste trabalho, tem como principal temática o suicídio de Hannah Baker e seus desdobramentos, explorando por meio do recurso de *flashbacks*⁸ também as suas causas.

A série também explora a temática da depressão, que acomete a personagem Hannah lentamente, progredindo com os acontecimentos até chegar em seu ápice, resultando em seu suicídio. Os tópicos a seguir buscam esclarecer esses dois fenômenos chave, a fim de garantir ferramentas epistemológicas para a análise da maneira como são retratados no seriado.

2.1 DEPRESSÃO

A depressão é admitida como uma aflição psicológica multifacetada, que atinge uma grande parte da população mundial, estimando-se que cerca de 300 milhões de pessoas de todas as idades sofram dessa doença, segundo o censo da Organização Mundial de Saúde (OMS) de março de 2018⁹.

É importante destacarmos aqui que o termo depressão possui diversos significados. Nas palavras do professor de psiquiatria José Alberto del Porto: “O termo *depressão*, na linguagem corrente, tem sido empregado para designar tanto um estado afetivo normal (a tristeza), quanto um sintoma, uma síndrome e uma (ou várias) doença(s)” (DEL PORTO, 1999, p.6). Apesar da especificação de diversas “doenças”, todas elas denominadas depressão são subtipos ou variações do transtorno mental a ser analisado nesse tópico por nós.

O psiquiatra Ignacio Zarragoitia define a depressão da seguinte maneira:

A depressão clínica é considerada uma condição médica que afeta o humor, comportamento e pensamentos. Isso muda a maneira como um pessoa sente, age e pensa. Coisas que eram fáceis e agradáveis, como passar um tempo com a família e amigos, ler um bom livro, ir ao cinema ou à praia, nesse estado exigem mais esforço e, às vezes, são quase impossíveis de realizar. Comer, dormir e ter relações sexuais podem se tornar um problema real (ZARRAGOÍTIA, 2010, p.6).

⁸ Registro de recordação ou fato ocorrido antes, interrompendo a sequência cronológica, especialmente no cinema; 2. Por extensão, lembrança, recordação; ato de trazer à memória sensações, figuras, imagens (CARVALHO). – Definição disponível em < <http://www.teclasap.com.br/flashback/>>. Acesso em 1 de outubro de 2018

⁹ Disponível em < https://www.paho.org/bra/index.php?option=com_content&view=article&id=5635:folha-informativa-depressao&Itemid=822> .Acesso em 11 de setembro de 2018.

Uma das características mais comumente atribuídas à depressão, é a tristeza. O isolamento de parentes e amigos, a perda de gosto por coisas que antes apreciava fazer, a falta de motivação: todas são características que podem ser facilmente simplificadas em um sintoma predominante. Esse tipo de crença, vem desde a antiguidade.

Depressão não era chamada depressão em escrituras clássicas, nem popular, nem médica. O termo “Melancolia” indicava uma doença mental de longa duração que tinha como principais sintomas uma tristeza sem causa, causada pelo excesso de bÍlis negra (LAWLOR, 2012, p.25).

“Essa tristeza sem causa” era introspectiva e quieta, sem qualquer traço de quaisquer outros sentimentos hoje admitidos como parte da sintomatologia depressiva. Segundo José Alberto Del Porto “Embora a característica mais típica dos estados depressivos seja a proeminência dos sentimentos de tristeza ou vazio, nem todos os pacientes relatam a sensação subjetiva de tristeza” ¹⁰(DEL PORTO, 1999, p.7). Na realidade, a depressão apresenta uma gama de variações, justamente por ser uma junção de fatores que variam de pessoa para pessoa, possuindo características muito próprias de cada indivíduo, com seu inconsciente e experiência. Por isso, como dito no início desse tópico, se fala de depressões:

Finalmente, enquanto *doença*, a depressão tem sido classificada de várias formas, na dependência do período histórico, da preferência dos autores e do ponto de vista adotado. Entre os quadros mencionados na literatura atual encontram-se: transtorno depressivo maior, melancolia, distímia, depressão integrante do transtorno bipolar tipos I e II, depressão como parte da ciclotímia, etc (DEL PORTO, 1999, p.6).

Por essa razão, denominar a Depressão de Melancolia, como foi de fato chamada por vários séculos desde a antiguidade leva a um estado de generalização do depressivo triste, que era a própria descrição do quadro melancólico médico da época. A palavra melancolia etimologicamente vem do grego *melano chole*, que significa bÍlis negra (GONÇALES; MACHADO, 2007, p.298). A explicação do estado depressivo na antiguidade, tinha sua voz em teorias de cunho biológico, racional na escola hipocrática: ela era baseada na teoria humoral. “Nesse período, a melancolia não era considerada uma doença específica, mas o resultado de um desequilíbrio na quantidade de humores: quanto mais severo fosse esse desequilíbrio, mais severa seria a melancolia” (LAWLOR, 2012, p. 26). Essencialmente vista como uma aflição de origem essencialmente corpórea, a melancolia possuía tratamentos pontuais voltadas para o físico como:

¹⁰ Disponível em < http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-44461999000500003>. Acesso em 24 de setembro de 2018

O tratamento proposto consistia em mudanças na dieta, ginástica, hidroterapia e medicamentos orais, ervas catárticas, eméticas e purgantes destinadas a eliminar o excesso da bile negra. Ele acreditava também na importância do diálogo e na necessidade de não deixar o doente sozinho. Diante de observações de que mulheres melhoravam após a menstruação, foram sugeridas sangrias e evacuações, que perduraram pelos próximos 1500 anos (GONÇALES; MACHADO, 2007, p.299).

Se na antiguidade vemos o princípio de uma sintomatologia de uma análise psicossomática¹¹ da depressão, na Idade Média vemos o nascimento do estigma negativo associado a essa condição. Em seus escritos, ao afirmar que o que separava os homens dos animais era o dom da razão, Santo Agostinho concluiu que quando o homem perdia essa razão, era punido por Deus. “Na época da Inquisição, no século XIII, a melancolia foi considerada um pecado e algumas pessoas eram multadas ou aprisionadas por carregarem esse mal da alma, que não tinha cura (GONÇALES; MACHADO, 2007, p.299).

No século XIX, com o advento da psicanálise, Freud analisará a Melancolia sob o ponto de vista psicológico, comparando-a ao luto.

Apliquemos agora à melancolia o que aprendemos sobre o luto. Em uma série de casos é evidente que ela também pode ser reação à perda de um objeto amado; quando os motivos que a ocasionam são outros, pode-se reconhecer que essa perda é de natureza mais ideal. O objeto não é algo que realmente morreu, mas que se perdeu como objeto de amor (por exemplo, o caso de uma noiva abandonada). Em outros casos, ainda nos acreditamos autorizados a presumir uma perda desse tipo, mas não podemos discernir com clareza o que se perdeu e com razão podemos supor que o doente também não é capaz de compreender conscientemente o que ele perdeu. Poderia ser também esse o caso de quando o doente conhece qual é a perda que ocasionou a melancolia, na medida em que de fato sabe quem ele perdeu, mas não o que perdeu nele [no objeto]. Isso nos levaria a relacionar a melancolia com uma perda de objeto que foi retirada da consciência, à diferença do luto, no qual nada do que diz respeito à perda é inconsciente (FREUD, 2013, p.23).

Aqui, o pensamento se transporta do âmbito diretamente físico e introduz a noção de inconsciente a noção do “não saber” que retoma a ideia da antiguidade e uma tristeza sem sentido aparente. A depressão é uma perda, é um processo estendido de luto, ainda que não se esteja sentindo luto por nada específico. Essa noção, atrelada ao estudo de Freud na Teoria dos Instintos de 1920 sobre as aflições pós guerra e as consequências dela nos soldados, tornou a condição dos depressivos um pouco menos estigmatizadas.

¹¹“Relativo ou pertencente ao orgânico e ao psíquico simultaneamente” (MICHAELIS, 2018). – Disponível em < <http://michaelis.uol.com.br/busca?id=G9EvM>>. Acesso em 29 de setembro de 2018.

Antes disso, porém, a trajetória da depressão, assim como de todos os transtornos mentais, passa pelo advento dos hospícios e manicômios, que apenas serviu para potencializar o estigma negativo em relação a doenças mentais. O afastar o louco, limpá-lo, tirá-lo das ruas, era noção que existia desde o século XXII. Em sua obra Foucault fala sobre o isolamento do doente mental, como uma força de criar ordem social e afastar a doença (FOUCAULT, 1998, p.432).

O século XIX também trouxe Kraepler, Mayer e o uso do conceito propriamente dito de depressão, com a inclusão de episódios de mania nos quadros de sintomas. As conclusões de Kraepler e Mayer seriam essenciais para compor o DSM-IV¹² (*Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders*) o manual de transtornos mentais mais conhecido hoje, cuja descrição do transtorno depressivo tornou mais fácil o diagnóstico para todos os médicos, não só psiquiatras (LAWSON, 2012, p.136).

Atualmente, a depressão é considerada um fenômeno comum, cotidiano. Denominado por muitos de mal do século XXI, apesar de claramente já o ter sido no século XIX, pelas palavras de Chateaubriand, o grande mal do século. Apesar de ser tão comum, porém, é uma doença que incita muitos preconceitos. Não raramente, pessoas que sofrem dela são vistas como fracas, preguiçosas e até malucas.

Nicole Arbour, uma *youtuber* norte-americana, postou em 2017 um vídeo intitulado *Why Depression is all in your head*¹³ (“Por quê a depressão está só na sua cabeça”). Nesse vídeo, ela reproduz o discurso psicofóbico¹⁴ de que a depressão é uma condição simples de ser resolvida e quem sofre dela é preguiçoso e acomodado, diminuindo e transformando a doença em piada. Ainda afirma no vídeo que o uso de antidepressivos é inútil, colocando uma conotação negativa em ferramentas absolutamente necessárias para o tratamento de uma

¹² “O Manual de Diagnóstico e Estatística dos Transtornos Mentais - Quarta Edição (DSM-IV™) é publicado pela Associação Psiquiátrica Americana. DSM-IV™ é uma classificação categórica que divide os transtornos mentais em tipos, baseados em grupos de critérios com características definidas. Utilizando-se a nomenclatura padrão para definir os transtornos e fornecer instruções codificadas precisas para diagnósticos, o DSM-IV™ facilita o diagnóstico, o tratamento e as análises estatísticas dos transtornos mentais. Este manual é uma listagem dos códigos do DSM-IV™ para todas as categorias de transtornos mentais reconhecidas”. Disponível em < https://www.psiquiatriageral.com.br/dsm4/dsm_iv.htm>. Acesso em 26 de setembro de 2018.

¹³ Disponível em < <https://www.youtube.com/watch?v=YAAoVpP3BQM&t=79s>>. Acesso em 24 de setembro de 2018

¹⁴ Consiste em se ter preconceito contra o doente mental e os portadores de transtornos mentais – Disponível em < <https://lanyy.jusbrasil.com.br/artigos/187695456/psicofobia-voce-sabe-o-que-e-ou-nem-sabia-que-existe>>. Acesso em 13 de novembro de 2018.

doença. Esse tipo de abordagem apenas fortalece o estigma contra qual a OMS luta diariamente:

Embora existam tratamentos eficazes conhecidos para depressão, menos da metade das pessoas afetadas no mundo (em muitos países, menos de 10%) recebe tais tratamentos. Os obstáculos ao tratamento eficaz incluem a falta de recursos, a falta de profissionais treinados e o estigma social associado aos transtornos mentais.¹⁵(OMS, 2018, online).

Muito se cogitou sobre o porquê Nicole teria postado esse vídeo e uma das teorias mais bem recebidas foi o fato de que ela possivelmente queria conseguir visualizações. E por quê falar de depressão para conseguir visualizações?

Porque a depressão dá audiência. Depressão é um assunto altamente rentável especialmente pelo fato uma aflição tão comum e devido ao fenômeno de “sociedade de espetáculo”, que transforma tais acontecimentos em entretenimento e assim, agregam valor de audiência:

Do início do capitalismo até os dias de hoje, nunca se viu uma época tão agudamente alienante para o sujeito como a que acontece agora na nossa dita pós-modernidade (BAUMAN, 1998). A exacerbada valorização da imagem, a submissão frente às imposições da mídia tendo como consequência direta a produção de pseudo-valores e pseudonecessidades na contemporaneidade, caracterizam o que Debórd (1997), por sua vez, denominou como “a sociedade do espetáculo” (TAVARES, 2009, p.9).

A própria série *13 Reasons Why*, em que figura depressão e suicídio, foi reportada como a série mais assistida no mundo por cinco semanas, de acordo com um relatório do TV TIME¹⁶ (OLIVEIRA, 2018, online). Essa popularidade esmagadora, obviamente, também deve muito ao suicídio, que será tratado no próximo tópico.

2.2 SUICÍDIO

O suicídio é, ao mesmo tempo, um dos maiores tabus na sociedade contemporânea e um dos maiores problemas de saúde pública mundial. A própria palavra, tão semelhante a

¹⁵Disponível em < https://www.paho.org/bra/index.php?option=com_content&view=article&id=5321:depressao-e-tema-de-campanha-da-oms-para-o-dia-mundial-da-saude-de-2017&Itemid=839>. Acesso em 29 de setembro de 2018.

¹⁶ Disponível em< <http://pipocasclub.com.br/2018/06/19/13-reasons-why-mais-assistida/>>. Acesso em 1 de outubro de 2018

famigerado homicídio, desperta certo choque e uma noção quase criminoso ao conceito que nem sequer existia até o século XVII (REY PUENTE, 2008, p.14). A OMS afirma que a cada 40 segundos, uma pessoa se suicida no mundo; Com isso, temos 800 mil suicídios por ano, dentre esses, 65 mil na região das Américas¹⁷. Com esses números, apesar de todo pasmo, nos deparamos diante de uma situação que aflige milhares de pessoas todos os dias.

Nas palavras de Émile Durkheim: “Chama-se suicídio todo caso de morte que resulta direta ou indiretamente de um ato, positivo ou negativo, realizado pela própria vítima e que ela sabia que produziria esse resultado”(DURKHEIM, 2000, p. 14).

A definição ampla de Durkheim buscava abarcar todas as manifestações que, em seus estudos, havia identificado no suicídio, sintetizando-as em três classes: o suicídio egoísta, o suicídio altruísta e o suicídio anômico. Essa definição, de certa forma vaga, representava as dúvidas e as incertezas que mesmo com estudo, o homem enfrentava diante da ampla gama de explicações e condições associadas ao processo de autodestruição. Essas dúvidas, o pasmo diante do ato extremo e final: como ele ou ela puderam fazer isso? São perguntas que permanecem.

As questões existenciais e reflexões sobre o propósito da vida, desde muito cedo, estiveram presentes na história humana. Elas advém, em parte, da consciência de nossa vida finita na terra. E a partir daí, da noção de propósito. Segundo Durkheim: “A vida, diz-se, só é tolerável quando percebemos nela alguma razão de ser; quando ela tem um objetivo e que valha a pena” (DURKHEIM, 2000, p.260).

Esse “objetivo” porém, assim como a “razão de ser” , apesar de variar de cultura para cultura, está presente. Ao que, na sociedade ocidental, atribuímos a razão de ser ao sucesso pessoal e monetário, em sociedades orientais, por exemplo, atribui-se a razão de ser como o papel do indivíduo na sociedade e como ele contribui para ela.

Durkheim tenta explicar esse fenômeno referindo-se aos laços sociais do indivíduo na sociedade, admitindo que o homem é um ser dual, especialmente em sua maturidade, composto por uma parte física (referente a necessidades fisiológicas e reprodutivas) e uma parte social. Assim, esses laços que o ligariam a sociedade, integrando-o a ela, explicariam o porquê o homem se mata. Se os laços com a sociedade fossem rompidos, o homem se sentiria isolado, cortado do seu eu social, resultando em um suicídio denominado por Durkheim de egoísta; Por

¹⁷ Disponível em < https://www.paho.org/bra/index.php?option=com_content&view=article&id=5674:suicidio-e-grave-problema-de-saude-publica-e-sua-prevencao-deve-ser-prioridade-afirma-opas-oms&Itemid=839>. Acesso em 12 de setembro de 2018

outro lado, se os laços sociais fossem demasiado fortes, absorvendo completamente a identidade do indivíduo, resultaria em um suicídio altruísta. E por um último, em uma situação de mudança repentina e profunda, onde a alteração desses laços sociais fosse bruscamente reconfigurada, deixando o homem confuso e desorientado, resultaria o suicídio anômico (DURKHEIM, 2000, p.303). Essa explicação é sociológica e aceita como um dos fatores passíveis de explicar o fenômeno do suicídio, porém, não o único.

Do ponto de vista biológico, o ser humano, como qualquer animal, tende a lutar para preservar a própria existência. Isso garantiria a perpetuação da espécie, dando continuidade a presença de vida orgânica na terra. Essa seria então, a inclinação natural e esperada dos organismos, que buscam vencer a seleção natural para evoluir e continuar existindo (DARWIN, 2003, p.75). Todavia, o suicídio sempre esteve presente e chegou a ser observado até mesmo em animais, desde a antiguidade, criando um paradoxo às ditas regras biológicas naturais. Mas não nos atentaremos ao estudo do suicídio nos animais nesse trabalho, limitando-nos à compreensão humana do fenômeno.

Um dos primeiros discursos registrados sobre o suicídio viria de Sócrates, em seu memorável diálogo de Fédon, registrado nos escritos de Platão. “A filosofia é um exercício de aprender a morrer” (SÓCRATES *apud* REY PUENTE, 2008, p.17), ele teria dito aos seus discípulos, porém acrescentando uma das primeiras justificativas para o suicídio: a ideia de que os homens viviam em uma espécie de prisão, da qual não poderiam sair ou fugir, porque pertenciam aos deuses e apenas sob o comando deles, esse ato poderia ser aceitável. Passava a existir a explicação religiosa e, paralelo a isso, a noção dúbia sobre o suicídio que o classificava como benéfico ou não, de acordo com determinadas circunstâncias. Platão retomaria essa ideia dúbia, chegando a criminalizar o suicídio. Porém, em sua lista de justificativas plausíveis, não havia o mesmo enfoque religioso. Ele parecia caminhar em direção a uma abordagem mais social, focada na cidade. Em seu livro *Leis*, no âmbito do livro IX destinado a punições de delitos, ele especifica as condições em que o suicídio seria injustificável: a) sem que a cidade o obrigue a fazer isso por um decreto justo, b) sem que um infortúnio inevitável e extremamente doloroso o acometa e c) sem que uma vergonha incontornável torne sua vida insuportável. O descumprimento dessas condições, levava a primeira ideia de punição e isolamento da vítima, condenando-a a ser enterrada longe dos demais, em uma cova sem identificação e o estigma de ter morrido por “lassidão, covardia e debilidade”. Ainda na antiguidade, Aristóteles abordará o suicídio em da *Ética a Nicômaco* como uma força de injustiça em relação a cidade e não a si mesmo, impondo medidas punitivas como a negação de serviços fúnebres aos corpos (REY PUENTE, 2008, p.19).

Essa ideia, fomentada na Antiguidade, tomaria mais força com o trabalho de Santo Agostinho, durante o período medieval, e estenderia sua influência até os dias de hoje, sendo um dos progenitores do costume de denominar pessoas que se matam como “covardes ou fracas”. Essa seria uma derivação da explicação religiosa que voltaria a reinar com força durante a idade média.

Nós dizemos, declaramos e confirmamos de qualquer forma que ninguém tem o direito de espontaneamente se entregar à morte sob pretexto de escapar aos tormentos passageiros, sob pena de mergulhar nos tormentos eternos; ninguém tem o direito de se matar pelo pecado de outrem; isso seria cometer um pecado mais grave, porque a falta de um outro não seria aliviada; ninguém tem o direito de se matar por faltas passadas, porque são sobretudo os que pecaram que mais necessidade têm da vida para nela fazerem a sua penitência e curar-se; ninguém tem o direito de se matar na esperança de uma vida melhor imaginada depois da morte, porque os que se mostram culpados da sua própria morte não terão acesso a essa vida melhor (AGOSTINHO, A Cidade de Deus, I, 47 *apud*. CRUVINEL, 2008, p. 39).

Já não havia mais a qualidade dúbia do suicídio a partir de então e sob maneira alguma, ele poderia ser justificado, tornou-se um comportamento condenado e rejeitado pela sociedade. “Paradoxalmente, o suicídio, fenômeno tão humano, parece tão desumano que só pode ser explicado pela intervenção do diabo ou pela loucura”(CRUVINEL, 2008, p.87).

Já no século XIX, Freud depara-se, ao estudar os Instintos humanos, a contraposição de duas grandes pulsões: Eros e Tânatos, ou o instinto de vida e de morte, respectivamente. Em Eros, ele observava a inclinação do ser humano para a sobrevivência, para a nutrição, reprodução e manutenção da vida, a partir da libido; Em Tânatos, por outro lado, se observaria a agressividade e a destruição do próprio ser. O “princípio nirvana” de Freud, dizia respeito a busca do organismo pela homeostase e a crença de que a morte seria o ápice dessa condição (FREUD, 2017, p.29). Assim, para Freud, o desejo de viver e o desejo de morrer, eram complementares e existiam no ser humano como forças naturais.

O suicídio, contudo, não é natural aos nossos olhos sociais contemporâneos. Ele orbita entre duas grandes oposições: ou precisa ser silenciado e escondido ou é espetacularizado. E essa imagem do suicídio, foi construída social e culturalmente.

Se remontarmos a povos antigos novamente para observar sua sua relação com o suicídio, veremos uma noção bem mais natural do que a atual: os antigos guerreiros dinamarqueses, que considerando desonroso morrer em um leito, por doença ou velhice, escapavam esse destino recorrendo ao suicídio; os godos, que viam na morte natural, a mesma

vergonha. Os visigodos, que se precipitavam de um penhasco quando se cansavam da vida (BARTHOLIN *apud* DURKHEIM, 2000, p.270).

Com tudo isso podemos concluir duas bases principais de pensamento: 1. O suicídio sempre esteve presente nas sociedades; 2. A sua percepção se alterou com o tempo. Hoje, experimentamos um movimento que busca combater o suicídio reconhecendo-o como resultante de uma série de diferentes razões: sociais, psicológicas, biológicas, culturais. Na *Folha Informativa Online sobre o Suicídio da OMS*,¹⁸ lê-se:

Embora a relação entre distúrbios suicidas e mentais (em particular, depressão e abuso de álcool) esteja bem estabelecida em países de alta renda, vários suicídios ocorrem de forma impulsiva em momento de crise, com um colapso na capacidade de lidar com os estresses da vida – tais como problemas financeiros, terminos de relacionamento ou dores crônicas e doenças. Além disso, o enfrentamento de conflitos, desastres, violência, abusos ou perdas e um senso de isolamento estão fortemente associados com o comportamento suicida. As taxas de suicídio também são elevadas em grupos vulneráveis que sofrem discriminação, como refugiados e migrantes; indígenas; lésbicas, gays, bissexuais, transgêneros e intersexuais (LGBTI); e pessoas privadas de liberdade. De longe, o fator de risco mais relevante para o suicídio é a tentativa anterior (OMS, 2018, online).

Apesar de todo caminho percorrido até aqui, observamos ainda um grande estigma em relação a distúrbios mentais que dificulta o trabalho de diminuição de ações irreversíveis tais como o suicídio. A OMS trava uma batalha difícil, enfrentando números e estatísticas elevados a cada ano.

Em seu trabalho, Durkheim já havia estudado e concluído que o suicídio é uma ideia facilmente transmitida por contágio, afirmando que “talvez não haja nenhum fenômeno mais facilmente contagioso” (DURKHEIM, 2000, p. 143). Dessa forma, torna-se necessário discutir sobre maneiras de se falar sobre esse fenômeno. Ao contrário do que se acreditava no século XIX, porém, omitir o suicídio, não ajudaria na sua diminuição, pois o ato de escondê-lo retirá-lo da sociedade e priva as pessoas do conhecimento que necessitam ter para conseguir combatê-lo.

Durkheim ressalta a necessidade de avaliar como esse suicídio é discutido, em suas próprias palavras: “Na realidade, o que pode contribuir para o desenvolvimento do suicídio ou

¹⁸ Disponível em < https://www.paho.org/bra/index.php?option=com_content&view=article&id=5671:folha-informativa-suicidio&Itemid=839> Acesso em 19 de Setembro de 2018

do assassínio, não é o fato de se falar nisso, é a maneira pela qual se fala” (DURKHEIM, 2000, p.160). No tópico a seguir, discutiremos sobre como conceitos como depressão e suicídio vem sendo representados nas artes desde a Antiguidade.

3. DEPRESSÃO E SUICÍDIO NAS ARTES

O suicídio e a depressão foram retratados pelas artes desde os primórdios da civilização ocidental. Na literatura grega, temos Belerofonte, personagem da Ilíada de Homero, como o primeiro herói melancólico; Descrito como um andarilho que caminhava pelas planícies gregas, se lamentando e evitando outras pessoas, por ter desrespeitado aos Deuses (LAWSON, 2012, p.24).

Na figura do herói grego Ajax, que também aparece em Ilíada, encontramos uma representação do suicídio do mesmo período. “Acreditando-se injustiçado, Ajax é tomado pela ira e decide se vingar de seus inimigos. Quando submetido a um castigo provido por Palas Atena, a deusa da razão, o guerreiro não suporta as consequências e se suicida” (OLIVEIRA, 2016, p.1).

As representações dos dois fenômenos evoluíram e caminharam lado a lado ao mundo das artes. Na época do Renascimento, com Hamlet em Shakespeare, encontramos um protagonista deprimido, que ao final da narrativa, tira sua própria vida.

Ser ou não ser... Eis a questão. Que é mais nobre para a alma: suportar os dardos e arremessos do fado sempre adverso, ou armar-se contra um mar de desventuras e dar-lhes fim tentando resistir-lhes? Morrer... dormir.... mais nada.... Imaginar que um sono põe remate aos sofrimentos do coração e aos golpes infinitos que constituem a natural herança da carne, é solução para almejar-se. Morrer... dormir.... dormir... Talvez sonhar... É aí que bate o ponto. O não sabermos que sonhos poderá trazer o sono da morte quando alfin desenrolarmos toda meada mortal que nos mantém suspensos. É essa a ideia que torna verdadeira calamidade a vida assim tão longa! Pois quem suportaria o escárnio e os golpes do mundo, as injustiças dos mais fortes, os maus tratos dos tolos, a agonia do amor não retribuído, as leis amorosas, a implicância dos chefes e o desprezo da inépcia contra o mérito paciente, se estivesse em suas mãos obter sossego com um punhal? (Hamlet, SHAKESPEARE, 2000, III,1; p. 89).

Na época em que foi publicada, a obra Hamlet representava o homem deprimido que estava presente nos círculos sociais da época (LAWSON, 2012, p. 71). Ele também refletia sobre as razões de viver, chegando a conclusão de que a vida só se tornava tolerável se existisse a possibilidade de terminá-la.

No quesito do suicídio, na época renascentista, temos ainda muitas outras peças com essa temática

O Renascimento vai ser marcado pelo tema do suicídio sendo explorado pela literatura, principalmente no teatro. Entre 1500 e 1580, mais de trinta peças

de teatro trazem casos de morte voluntária. Os escritores vão buscar inspiração nos suicídios heroicos da Antiguidade greco-romana (Catão, Lucrecio, Brutus, Sêneca) (CRUVINEL, 2008, p. 88).

A temática da depressão e suicídio apenas foi reforçada com o passar dos anos. O século XIX, época do Romantismo, além de representar um momento de avanço para a psiquiatria e psicanálise, também representou foi denominado como *mal do século* por Chateaubriand, devido a glorificação da melancolia e do suicídio.

A fase romântica tem como um de seus traços marcantes o diálogo quase constante entre o amor impossível e a renúncia. As limitações provocadas pelo pudor permitem apenas a idealização de amores e os personagens nem sempre passam da condição de apaixonados para a de amantes. E a agonia de ter que viver o impossível conduz, às vezes, ao ato extremo, o suicídio (PEREIRA, 2015, p.2).

A obra de Goethe, *Os sofrimentos do Jovem Werther*, figuraria como um dos marcos dos primórdios desse movimento e seria uma das primeiras evidências claras da influência das representações de obras em comportamentos suicidas, nomeando anos mais tarde o que seria chamado de “Efeito Werther”, que será explicado com mais profundidade no tópico seguinte. Todavia, a representação do personagem principal, mesmo antes do ato fatídico do suicídio, apela a figura do homem depressivo da época, assim como Hamlet espelhava o homem melancólico da sua:

Neste sentido, a obra literária “Os sofrimentos do Jovem Werther” pode ser considerada uma síntese do Sturm and Drang, pois o personagem é um artista imaginativo e solitário, um gênio que é atraído pela natureza, que vive um sentimentalismo sem fronteiras, se entrega a um amor romântico, se lança a uma morte trágica, se deixa dominar por uma loucura passional e repudia ao racionalismo, às leis e a ordem (PEREIRA, 2015, p.9).

Nesse ponto é possível perceber fascínio e uma certa admiração pelo personagem de Werther. Solitário, imaginativo, apaixonado: um gênio. Essa imagem, ainda que mais claramente percebida na época do Romantismo, teve seu princípio ainda na antiguidade com o *Problema XXX* de Aristóteles:

Ainda na Grécia Antiga, poucos séculos antes de Cristo, a melancolia é a protagonista em um tratado de Aristóteles (384-322 a.C.), a “*Problemata 30*”. Neste tratado há uma interessante relação, referente a melancolia, entre a genialidade e a loucura. Segundo Aristóteles existe um tipo de melancolia natural que devido a ação da bílis negra tornaria seu portador genial. A melancolia é colocada como condição de genialidade, responsável por

loucura e então, era imperdoável. O louco é afastado do convívio social desde a antiguidade; é comparado ao animal pela cristandade, ou um pecador e é encarcerado em manicômios, sendo colocado longe da vista. “De alguma maneira, o surgimento dos asilos muito contribui para a ‘transformação de uma doença de grandeza de alma e do gênio em miséria afetiva’. Verdadeiramente, o caráter ‘sublime’ da melancolia entra em declínio” (PERES, 2003, p.19).

O século XIX trouxe também o nascimento do cinema:

“Venha ver algo que o deixará maravilhado!” Essa foi a promessa que os irmãos Louis e Auguste Lumière fizeram ao realizar a primeira exibição cinematográfica, na noite de 28 de dezembro de 1895, em Paris, no salão de Grand Café. Nesses mais de 100 anos de existência, o cinema tem encantado inúmeras plateias e se tornou um dos elementos mais importantes da cultura no mundo inteiro (LANDEIRA-FERNANDEZ; CHENIAUX, 2010, p.11).

A introdução dessa nova linguagem, traria uma nova maneira de representar o mundo e também, os transtornos mentais. Em 1919, com *O gabinete do Doutor Caligari*, de Robert Wiene, já vemos a retratação de diversos quadros clínicos. E também, introduz noções estereotipadas para ambos terapeutas e portadores de transtornos mentais.

Os profissionais são em geral cruéis, sádicos, pouco inteligentes, atrapalhados, e às vezes, maravilhosos, com intuição e sabedoria incríveis, capazes de desvendar de forma brilhante os mistérios arcanos da mente que atormentam infelizes e, assim, retirá-los das trevas. O paciente é alguém de espírito livre e rebelde, um perigoso homicida em coração, um degradado vivendo afastado de todos ou um narcisista, que vive parasitando os outros. Finalmente, há o gênio incompreendido, que, no final feliz, é o espírito iluminado da sociedade (LOTUFO *apud* LANDEIRA-FERNANDEZ; CHENIAUX, 2010, p. 10).

Vemos aqui, novamente, a visão do melancólico genial, assim como outros estereótipos que ajudariam a sedimentar os estigmas atuais que reinam sobre a depressão e o suicídio, assim como outros transtornos mentais.

O gabinete do Doutor Caligari representa os primórdios de representação artística dos transtornos mentais que se perpetua no cinema. Falando-se em Depressão e Suicídio especificamente, teremos, em exemplos mais recentes: *Garota Interrompida* (2000), *Geração Prozac* (2001), *As Horas* (2003), *Pequena Miss Sunshine* (2006), *As Vantagens de ser invisível* (2012), dentre muitos outros.

“As representações literárias¹⁹, ainda que se diferenciem da realidade social em algum ponto, podem ser vistos como espelhos da realidade e podem, em certa medida, também ajudar na construção dos conceitos sociais que busca retratar” (LAWSON, 2012, p.64). Logo, elas são importantes, especialmente em uma luta contra estigmas e contra o fenômeno do contágio, que são os principais obstáculos encontrados pela OMS e outras instituições de saúde ao redor do mundo para combater a depressão e o suicídio.

A mídia desempenha um papel significativo na sociedade atual, ao proporcionar uma ampla gama de informações, através dos mais variados recursos. Influencia fortemente as atitudes, crenças e comportamentos da comunidade e ocupa um lugar central nas práticas políticas, econômicas e sociais. Devido a esta grande influência, os meios de comunicação podem também ter um papel ativo na prevenção do suicídio²⁰ (OMS, 2000, online).

Por essa razão, em 1999, a OMS criou o SUPRE, como uma iniciativa mundial de prevenção ao suicídio. No ano seguinte, o *Manual para Profissionais da Mídia* foi lançado. Nele existem uma série de especificações e recomendações, para todos aqueles que desejarem cobrir o suicídio. O Manual é importante principalmente pelo caráter contagioso do suicídio, como já exposto anteriormente. No tópico seguinte, falaremos mais a fundo sobre o manual e as suas recomendações.

¹⁹ Em nosso trabalho, representações literárias será tratado no sentido geral da arte, incluindo assim as representações audiovisuais.

²⁰ Manual para Profissionais da mídia (OMS) – Disponível em <http://www.who.int/mental_health/prevention/suicide/en/suicideprev_media_port.pdf>. Acesso em 2 de novembro de 2018.

4. O MANUAL PARA PROFISSIONAIS DA MÍDIA (OMS)

O Manual para Profissionais da Mídia²¹ foi lançado em 2000, como um desdobramento da iniciativa SUPRE da OMS. Surgiu baseado na noção de contágio ou imitação do suicídio que pode ocorrer mediante uma divulgação irresponsável do ato, segundo os estudos de Émile Durkheim. O sociólogo relatou e constatou a natureza contagiosa do suicídio a partir de dados observados em sua pesquisa. Citou o caso da guarita do acampamento de Boulogne, no qual seguido o suicídio de um guarda com um tiro na cabeça, outros guardas se suicidariam no mesmo lugar e da mesma forma, nos meses em que procederam o incidente. Também cita o caso de um hospital psiquiátrico onde quinze pessoas teriam se suicidado no mesmo corredor (DURKHEIM, 2000, p.140). Em todos esses casos, percebe-se que existe uma repetição de comportamento, uma mimese. Da mesma maneira, observa-se que os casos cessam assim que os lugares são destruídos ou o acesso passa a ser restrito.

Para explicar esses acontecimentos, temos a definição de imitação e contágio que será usada como principal argumento para a relevância do Manual para Profissionais da Mídia:

Imitação é o processo pelo qual um suicida exerce um efeito modelador em suicídios subsequentes. [...] Contágio é o processo pelo qual um determinado suicídio facilita a ocorrência de outros suicídios, a despeito do conhecimento direto ou indireto do suicídio prévio (OMS, 2000).

Levando isso e a potência da influência da mídia para a construção de conceitos na sociedade atual em consideração, entendemos a necessidade de cautela nas representações desse fenômeno, uma vez que isso pode ser decisivo na luta para combatê-lo. A OMS luta para combater o que foi denominado tecnicamente como “Efeito Werther.”

Segundo o Manual:

Uma das primeiras associações conhecidas entre os meios de comunicação de massa e o suicídio vem da novela de Goethe Die Leiden des Jungen Werther (Os Sofrimentos do Jovem Werther), publicada em 1774. Nesta novela, o herói se dá um tiro após um amor mal sucedido. Logo após sua publicação, começaram a surgir na Europa vários relatos de jovens que cometeram o suicídio usando o mesmo método. Isto resultou na proibição do livro em diversos lugares. Este fenômeno originou o termo “Efeito Werther”, usado na literatura técnica, para designar a imitação de suicídios. (OMS, 2000)

²¹ Disponível em < http://www.who.int/mental_health/prevention/suicide/en/suicideprev_media_port.pdf>
Acesso em 1 de outubro de 2018

Análogo a isso, temos no final dos anos 90, o caso do Pátio Brasil em Brasília- DF, palco de diversos suicídios:

Desde a inauguração do estabelecimento, estima-se que tenha havido cerca de oito mortes a partir das dependências do centro comercial. Isso porque, além de jogarem-se da praça de alimentação, no quarto piso, sobre a praça central, há vítimas que aproveitam a cobertura do shopping para lançarem-se na área externa (BRAZ SILVA, 2008, p.86).

O caso do romance de Goethe, assim como o caso do Pátio Brasil aqui expostos trazem uma noção que precisamos encarar, contudo, com cautela: a crença de que o suicídio não pode ser divulgado de maneira alguma. Essa posição é tão prejudicial quanto a cobertura irresponsável, pois fortalece a noção de tabu atrelada a ele e dificulta o possível tratamento e prevenção para muitas pessoas, ao aumentar a ignorância e o estigma negativo. Também prejudica registros e torna os dados sobre suicídio ao redor do mundo apenas especulações sobre valores reais, trazendo mais complicações para a solução do problema. “O relato de suicídios de uma maneira apropriada, acurada e cuidadosa, por meios de comunicação esclarecidos, pode prevenir perdas trágicas de vidas” (OMS, 2000). Como dito por Émile Durkheim e citado anteriormente neste trabalho em tópicos anteriores: o problema não é falar sobre o suicídio e sim como falamos sobre ele (DURKHEIM, 2000, p.160).

Utilizaremos *o Manual para Profissionais da Mídia*, com a complementação do manual de recomendações norte americano do site Reporting on Suicide. Org de 2015²², como parâmetro para analisarmos o seriado 13 Reasons Why e suas maneiras de representação dos temas propostos: Depressão e Suicídio. *O Manual para Profissionais da Mídia* foi escolhido por ser referência internacional para coberturas de suicídio ao redor do mundo. “Ele representa uma ligação em uma cadeia longa e diversificada que envolve uma ampla gama de pessoas e grupos, incluindo profissionais da saúde, educadores, agências sociais, governos, legisladores, comunicadores sociais, representantes da lei, famílias e comunidades” (OMS, 2000). *O Reporting on Suicide* por outro lado, será usado por incluir outras noções que levarão em consideração a evoluções de meios de comunicação e de representações em 15 anos de comparação em relação ao Manual da OMS, ainda que tenha diversos pontos em comum com ele. No tópico seguinte, falemos sobre as recomendações para noticiar e representar o suicídio.

²² Disponível em < <http://reportingonsuicide.org/>>. Acesso em 8 de outubro de 2018.

4.1 RECOMENDAÇÕES DA OMS

Com intuito de analisar a série norte-americana *13 Reasons Why*, transcrevo abaixo as recomendações de acordo com o Manual para Profissionais da Mídia da OMS:

COMO NOTICIAR CASOS ESPECÍFICOS DE SUICÍDIO

Os seguintes aspectos devem ser levados em consideração:

- A cobertura sensacionalista de um suicídio deve ser assiduamente evitada, particularmente quando uma celebridade está envolvida. A cobertura deve ser minimizada até onde seja possível. Qualquer problema de saúde mental que a celebridade pudesse apresentar deve ser trazido à tona. Todos os esforços devem ser feitos para evitar exageros. Deve-se evitar fotografias do falecido, da cena do suicídio e do método utilizado. Manchetes de primeira página nunca são o local ideal para uma chamada de reportagem sobre suicídio.
- Devem ser evitadas descrições detalhadas do método usado e de como ele foi obtido. As pesquisas mostraram que a cobertura dos suicídios pelos meios de comunicação tem impacto maior nos métodos de suicídio usados do que na frequência de suicídios. Alguns locais – pontes, penhascos, estradas de ferro, edifícios altos, etc – tradicionalmente associam-se com suicídios. Publicidade adicional acerca destes locais pode fazer com que mais pessoas os procurem com esta finalidade.
- O suicídio não deve ser mostrado como inexplicável ou de uma maneira simplista. Ele nunca é o resultado de um evento ou fator único. Normalmente sua causa é uma interação complexa de vários fatores, como transtornos mentais e doenças físicas, abuso de substâncias, problemas familiares, conflitos interpessoais e situações de vida estressantes. O reconhecimento de que uma variedade de fatores contribui para o suicídio pode ser útil.
- O suicídio não deve ser mostrado como um método de lidar com problemas pessoais como falência financeira, reprovação em algum exame ou concurso ou abuso sexual.
- As reportagens devem levar em consideração o impacto do suicídio nos familiares da vítima, e nos sobreviventes, em termos de estigma e sofrimento familiar.

- A glorificação de vítimas de suicídio como mártires e objetos de adoração pública pode sugerir às pessoas suscetíveis que a sociedade honra o comportamento suicida. Ao contrário, a ênfase deve ser dada ao luto pela pessoa falecida.
- A descrição das consequências físicas de tentativas de suicídio não fatais (dano cerebral, paralisia, etc), pode funcionar como um fator de dissuasão.

Por ter sido escrito no ano 2000, o manual não contava com as inovações midiáticas que surgiram em anos seguintes. Apesar de ter sido criada em 1997, a Netflix faria seu sucesso esmagador apenas anos mais tarde, tornando-se global em 2016.²³ Por essa razão, no próximo capítulo trataremos do manual auxiliar para nossas considerações.

4.2 REPORTING ON SUICIDE

Reporting on Suicide. org é um site norte-americano que fornece informações acerca de como retratar o suicídio em meios midiáticos. Foi criado em 2015, em colaboração com diversas universidades e instituições, jornalísticas e voltadas ao estudo de prevenção, incluindo a Fundação Americana de Prevenção ao Suicídio, a maior organização em fins lucrativos dos Estados Unidos voltada a prevenção de suicídio.

Para a complementação da nossa análise, utilizaremos a tabela disponível no site, que expõe objetivamente, as melhores maneiras de se retratar o suicídio em conteúdos midiáticos.

Tabela 1 - Recomendações para Noticiar Suicídio

Ao invés disso	Faça isso
Manchetes grandes ou sensacionalistas, com um posicionamento proeminente (Ex: “Kurt Cobain usou espingarda para cometer suicídio”)	Informe a audiência sobre o suicídio sem sensacionalismo e com o mínimo de proeminência. (Ex: “Kurt Cobain morto aos 27 anos.”)
Incluir fotos/vídeos de localizações ou métodos do suicídio, parentes e amigos sofrendo, memoriais e funerais.	Utilize uma foto da escola/trabalho ou família; inclua contatos para auxílio ao suicídio.
Descrever suicídios como epidêmicos, “disparando”, ou outros termos fortes.	Cuidadosamente investigar os dados do CDC e não usar palavras desnecessárias como “aumento” ou “aumentar”
Descrever o suicídio como inexplicável ou “sem aviso”	A maioria das pessoas, ainda que não todas, que morrem de suicídio apresentam sinais de alerta.
“John Doe deixou uma carta de suicídio dizendo...”	“Uma carta da vítima foi encontrada e está sendo avaliada pelas autoridades”

²³ Disponível em <https://media.netflix.com/pt_br/about-netflix> . Acesso em 10 de outubro de 2018

Apresentar e Investigar o suicídio de maneira similar como se faria em uma investigação criminal	Apresentar o suicídio como uma questão de saúde pública.
Entrevistar/citar a polícia e os primeiros a chegar na cena sobre as causas do suicídio.	Descrever como “Morto por suicídio”, “Completo” ou “Se matou”

Fonte: Reporting on Suicide. Org. Tradução de Tatiana Moniz (2018)

5. ANÁLISE DE CONTEÚDO

Para falarmos de análise de conteúdo, primeiramente precisamos falar sobre o processo de comunicação e como ela se estrutura. A priori: “Toda comunicação é composta por cinco elementos básicos: uma fonte ou emissão, um processo codificador que resulta em uma mensagem e se utiliza de um canal de transmissão, um receptor, ou detector da mensagem e seu respectivo processo decodificador” (FRANCO, 2005, p.20).

Na análise de conteúdo, o ponto de interesse se encontra na mensagem: “Com base nas mensagens que responde às perguntas o que se fala? O que se escreve? Com que intensidade? Com que frequência? Que tipo de símbolos figurativos são utilizados para expressar as ideias?” (idem).

A necessidade de se compreender essa mensagem, vem desde tempos antigos e é visto na hermenêutica exercida em textos religiosos, que tentavam compreender as mensagens por trás das escrituras (BARDIN, 2002, p.14).

Por exemplo, a pesquisa de autenticidade feita na Suécia por volta de 1640 sobre os hinos religiosos. Com o objetivo de se saber se estes hinos, em número de noventa, podiam ter efeitos nefastos nos Luteranos, foi efetuada uma análise dos diferentes temas religiosos, dos seus valores e das suas modalidades de aparição (favorável ou desfavorável), bem como da complexidade estilística. Mais recentemente (1888-1892) o francês B. Bourbon, para ilustrar um trabalho sobre “a expressão das emoções e das tendências na linguagem”, trabalhou sobre uma parte da Bíblia, o Êxodo, de maneira relativamente rigorosa com uma preparação elementar do texto, e classificação temática das palavras chave (BARDIN, 2002 p.15).

A análise de conteúdo parte do princípio de que existe o material físico, que será avaliado, isto é o que está sendo escrito, falado, mapeado, figurativamente desenhado e/ou simbolicamente explicitado e que este será o ponto de partida da análise, mas que a partir dele,

agirá um processo de inferências, que a posteriori resultará em um processo de interpretação e decodificação da mensagem (FRANCO, 2005, p.24).

As inferências serão a principal ferramenta para que se chegue finalmente ao objetivo final: a compreensão da mensagem. Produzir inferências é, pois, *la raison d'être* da análise de conteúdo. É ela que confere a esse procedimento relevância teórica, uma vez que implica, pelo menos uma comparação, já que a informação puramente descritiva, sobre conteúdo, é de pequeno valor. Um dado sobre um conteúdo de uma mensagem (escrita, fala e/ou figurativa) é sem sentido até que seja relacionado a outros dados. O vínculo entre eles é representado por alguma forma de teoria. Assim, toda análise de conteúdo implica comparações; o tipo de comparação é ditado pela competência do investigador no que diz respeito ao seu maior ou menor conhecimento acerca de diferentes abordagens teóricas (FRANCO, 2005, p.26).

O processo de criação de inferências, como visto, acontece apenas quando existe a comparação do conteúdo analisado a outros materiais. Isso então poderá levar o pesquisador a chegar a uma interpretação e assim atingir o objetivo hermenêutico de compreensão da mensagem expresso nos objetivos de sua pesquisa. (BARDIN, 2002, p.39)

As inferências devem ser feitas sobre cada um dos elementos da comunicação, pois cada um deles tem importância na formação do corpo da mensagem. “Apenas a mensagem não dá suporte suficiente para que seja realizada uma análise, ela deve ser compreendida a partir de uma problematização sustentada teoricamente ancorada na delimitação do objeto de estudo do pesquisador” (REGINA; OLIVEIRA; BOURGUIGNON, 2015, p.2).

Considerando tudo isso, podemos definir: “A análise de conteúdo aparece como um conjunto de técnicas de análise das comunicações, que utiliza procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens” (BARDIN, 2002, p. 38).

Dentre as diferentes ramificações expressas na análise de conteúdo como um todo, vimos que algumas delas se aproximam mais da hermenêutica: a análise categorial. A mais antiga cronologicamente, também é a mais usada. “Funciona por operações de desmembramento do texto em unidades, em categorias, segundo reagrupamentos analógicos” (BARDIN, 2002, p.156).

A pré-análise desse trabalho se propõe a identificar, segundo a metodologia de Bardin, categorias de análise. No caso em questão, olharemos especificamente para o quesito depressão e suicídio. Como estes, porém, não podem ser alienados de sua contextualização na narrativa, justamente por serem frutos de diversos fatores do meio social, trataremos também de subcategorias, relacionadas e atreladas a esses, que constroem a trajetória de Hannah até que

chegue aos nossos principais pontos de análise. Sendo essas: culpa, luto e as fitas; estupro, silêncio e desamparo; machismo e depressão e, por fim, o suicídio.

A esse método de pesquisa, atrelaremos alguns aspectos de análise fílmica expostos no artigo de Manuela Penafria: *Análise de Filmes – conceitos e metodologia(s)*. Isto é, a necessidade de decompor, descrever as diferentes partes que compõe o filme para só então, compreender a relação entre essas partes e interpretá-las. Por essa razão, consideraremos as imagens, além do texto do seriado (PENAFRIA, 2009, p.1).

Nos tópicos a seguir introduziremos o seriado com mais profundidade para então iniciarmos a análise por categorias.

6. 13 REASONS WHY

O seriado norte americano *13 Reasons Why* (13 Razões porquê) foi inspirado no livro de Jay Asher de mesmo nome, dirigido por Brian York e teve sua primeira exibição em 31 de março de 2017 nos Estados Unidos, pela plataforma Netflix.

Situada em uma pequena cidade dos Estados Unidos, a narrativa de *13 Reasons Why* tem como foco o suicídio de Hannah Baker (Katherine Langford), utilizando-se de uma dinâmica de *flashbacks* para retornar aos fatos passados, explicando a vida da personagem e tentando esclarecer as razões para o seu suicídio, que notadamente, seriam treze, daí o nome.

Anteriormente à sua morte, Hannah Baker teria gravado treze fitas cassetes, colocado em uma caixa de sapatos e, com a ajuda de Tony Padilla (Christian Navarro), formulado um plano para que todas as pessoas que ela havia julgado responsáveis pela sua morte recebessem as fitas. Mediante o recebimento das fitas, todos deveriam escutar e passar a diante para as outras pessoas, sob a penalidade de terem os seus segredos revelados pelo ajudante de Hannah, Tony. A história começa com Clay Jensen (Dylan Minnette) recebendo a caixa em sua casa e se desenvolve ao redor dos conflitos gerados pelas verdades expostas nas fitas e pela maneira como Clay em especial, reage a isso.

As fitas de Hannah apresentam, em cada uma, que corresponde a um episódio, uma razão diferente e quase sempre, um personagem diferente.

A primeira fita pertence a Justin Fowler (Brandon Flynn), o primeiro rapaz com que Hannah se relaciona amorosamente na cidade e que compartilha uma foto embaraçosa da personagem, expondo-a para os colegas de classe após um encontro no parquinho.

A segunda fita pertence a Jessica Davis (Alisha Boe) que junto com Alex Standall (Miles Heizer), foram os primeiros amigos de Hannah Baker. As duas brigam por causa de uma lista feita por Alex, onde classifica Hannah como “a melhor bunda”. Namorada de Alex na época, Jessica acredita que Hannah foi a responsável pelo seu término e chega a dar um tapa no rosto da personagem, terminando a amizade. Alex Standall é a terceira fita e entra nos porquês devido a objetificação sexual que a lista conferiu a Hannah Baker após circular pela escola.

A quarta fita é de Tyler Down (Devin Druid), o fotógrafo da escola. Solitário, Tyler se apaixona e fica obcecado por Hannah, seguindo-a até mesmo em casa para tirar suas fotos.

Em uma dessas fotos, registra o beijo de Hannah e Courtney Crimsen (Michele Selene Ang) e após ser rejeitado por Hannah, vaza a foto, amargando a relação das duas que haviam se tornado amigas. Courtney é a protagonista da quinta fita e entra nessa contagem após espalhar rumores sobre Hannah Baker, afirmando que ela e Justin tinham transado e piorando a situação de objetificação da personagem. Fez isso para se proteger, com medo de que depois de verem as fotos, as pessoas descobrissem que era lésbica.

Na sexta fita, conhecemos Marcus Cole (Steven Silver), que irá se tornar uma razão por ter deliberadamente ido atrás da garota, iludindo-a a aceitar um encontro que na verdade era puramente sexual. Marcus aumenta a objetificação da personagem, sendo rude e deixando-a chorando na lanchonete. Zach Dempsey (Ross Fleming Butler) virá a seguir, na fita sete. Após ser rejeitado por Hannah, Zach sabotagem o “saco de elogios” da garota, uma atividade da aula de comunicações onde os alunos colocavam elogios anônimos em saquinhos de papel uns para os outros.

Ryan Shaver (Tommy Dorfman) encontra Hannah em um grupo de poesia e a convence a escrever, aproximando-se dela. Pouco depois, rouba o poema da garota e publica no jornal da escola anonimamente. Apesar de não ser identificado, o poema foi duramente ridicularizado, pesando ainda mais no psicológico de Hannah. A fita nove pertence a Justin Fowler novamente e diz respeito ao rapaz ter deixado Bryce Walker (Justin Prentice) estuprar a namorada, Jessica. Estupro esse que foi presenciado por Hannah.

A fita dez pertence a Sheri Holland (Ajiona Alexus) e diz respeito a uma placa de trânsito derrubada pela garota na volta de uma festa, onde as duas estavam no carro e cujo a falta de devido aviso às autoridades teria resultado na morte de um personagem secundário, Jeff Atkins (Brandon Larracunte). O personagem morto era amigo de Clay Jensen, que é o assunto da fita onze. Em sua fita, Clay descobre que ele não era de fato uma razão e que Hannah supostamente teria sentimentos por ele. Ela lamenta, porém, que ele a tenha deixado sozinha na festa onde presenciou o estupro de Jessica, apesar de ter ela mesma pedido para que ele saísse.

Bryce Walker (Justin Prentice) aparece na fita doze e, além de ter estuprado Jessica estupra Hannah. Por fim, Kevin Porter (Derek Luke) o conselheiro estudantil é a décima terceira e última razão e Hannah o culpa por não a ter aconselhado propriamente.

A primeira temporada do seriado conta com treze episódios de 40-60 minutos de duração cada e recebeu renovação para uma segunda e terceira temporada. Desde sua primeira temporada, revelou-se um seriado polêmico, que despertou a atenção e preocupação de diversos profissionais da saúde: “Imediatamente após ser lançada pelo serviço de *streaming*, em março de 2017, a série *13 Reasons Why* provocou debates na imprensa e na área médica sobre os possíveis efeitos de uma representação ficcional do suicídio em uma audiência predominantemente jovem” (BRUM; LISBOA, 2018, online).²⁴

²⁴ Disponível em <<https://www.bbc.com/portuguese/brasil-45064888>>. Acesso em 12 de outubro de 2018.

Figura 4 - Cartaz de *13 Reasons Why*(2017)



Fonte: <https://filmow.com/13-reasons-why-1a-temporada-t195139/>

A principal preocupação revolve em torno do “Efeito Werther”, já discutido em tópicos anteriores desse trabalho. No século XVIII, jovens que se inspiraram no suicídio de Werther, chegaram a ser encontrados usando até mesmo roupas similares às do personagem, mostrando um alto grau de influência deste no comportamento suicida (idem).

Em uma pesquisa feita no Brasil, chegou-se às seguintes conclusões:

No estudo feito por pesquisadores do Hospital de Clínicas de Porto Alegre, foram analisadas as respostas de 21.062 adolescentes para entender até que ponto a série pode ter influenciado o pensamento e o comportamento dos consultados. Após a polêmica que se seguiu à primeira temporada, a própria Netflix havia financiado um estudo sobre *13 Reasons Why* nos Estados Unidos, mas a pesquisa não abordou se a série aumentava ou não os pensamentos suicidas. No levantamento feito pelos pesquisadores da UFRGS, adolescentes do Brasil e dos Estados Unidos, na faixa etária entre 12 e 19 anos, foram questionados sobre ideação suicida antes e depois de assistir aos episódios - e também sobre a forma como passaram a encarar o bullying após acompanhar a história de Hannah Baker. Entre os adolescentes sem sintomas de depressão ou pensamentos suicidas antes de ver a série, 4,7% responderam ter passado a pensar mais em tirar a própria vida, um número considerado "preocupante" pelos autores do estudo. Naqueles mais vulneráveis – sofrendo com depressão e tendo cogitado o suicídio anteriormente – o aumento foi ainda mais expressivo: 21,6% tiveram mais ideação suicida após *13 Reasons Why*. Por outro lado, nesse mesmo grupo, 49,5% disseram ter passado a

conviver com menos pensamentos suicidas após ver a série (BRUM; LISBOA, 2018, online).

Apesar dos números indicarem uma faixa benéfica de influência do seriado em seus espectadores, não compensa a preocupação com as faixas negativas; Porque, de acordo com Christian Kieling²⁵: "O estudo indicou que os efeitos da série são múltiplos, o que demonstra a complexidade do fenômeno [...] Mas os 4,7% das pessoas que não tinham histórico de depressão e que passaram a pensar em suicídio nos preocupou, pois é um número significativo dentro da maioria de crianças e adolescentes que não têm o transtorno"" (idem).

Além disso, o estudo é uma comprovação de que algo está errado na maneira de retratar o suicídio: caso o contrário, não se observaria o efeito de contágio. Por essa razão, o trabalho busca elucidar os pontos de tensão, trabalhando com três categorias nos tópicos a subsequentes: culpa, luto e fitas; estupro, silêncio e desamparo; machismo e depressão e por fim, suicídio.

6.1 CULPA, LUTO E FITAS

A primeira vez que somos apresentados a Hannah Baker, ela já está morta. Descobrimos isso pelo plano do armário da personagem (FIGURA 5), onde diversas mensagens foram coladas por outros estudantes com mensagens como "*You were so beautiful*"²⁶ e "*We miss you so much*".²⁷ Essas frases, assim como o conteúdo dos outros bilhetes, utiliza o verbo *to be* (Do inglês "ser", "existir") no passado "*were/was*", fazendo-nos subentender uma ideia de partida, que um pouco mais a frente, descobriremos ter sido ocasionada pelo suicídio.

²⁵ Psiquiatra e Professor da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)

²⁶ "Você era tão linda" (Tradução do Inglês pela autora)

²⁷ "Sentimos muito a sua falta" (Tradução do Inglês pela autora)

Figura 5 - Armário de Hannah Baker (Episódio 1)



Fonte: 13 Reasons Why (2017)

Apesar de todo amor depositado nas mensagens, porém, o clima na escola parece ser outro: todos parecem determinados a esquecer o acontecido. Retirando da lista alguns personagens seletos e a família de Hannah, o suicídio da personagem é um assunto desconfortável e isso fica explícito na fala de um dos estudantes, ainda no primeiro episódio, que pergunta a professora se eles não poderiam parar de falar sobre isso, porque já fazia uma semana e era deprimente.

A ideia do não se importar, ou melhor dizendo, não se importar o suficiente, é uma premissa que será revisitada diversas vezes no enredo, sendo uma das suas forças motrizes, como definido pela própria Hannah em sua fita número 13, no episódio de mesmo número “Alguns de vocês se importaram, mas ninguém se importou o suficiente.” Nesse sentido, entramos no quesito da culpa.

Do ponto de vista psicanalítico, o sentimento de culpa é uma frustração criada pelo confronto da realidade com o superego. Isto é, o sentimento de culpa deriva do confronto das expectativas da sociedade, família, amigos, etc. com a realidade muitas vezes não indo de encontro a essas expectativas. Segundo a teoria psicanalítica, deve-se à consciência de uma “má gestão” dos impulsos do Id. Numa perspectiva humanista, o sentimento de culpa é visto como um desenvolvimento pessoal desadequado. Embora não seja em si só considerado uma patologia, pode dar origem a uma série de sintomas e sinais, dando mesmo origem a uma patologia, isto se não for tratado e gerido de uma forma saudável. Ambas perspectivas contribuem para percebermos o sentimento de culpa. Pois muitas vezes as pessoas carregam pensamentos como: “deveria ter ajudado mais”, “se eu tivesse comportado daquela forma, aquilo não tinha

acontecido”, “se eu me tivesse esforçado mais, o futuro seria diferente”, etc²⁸(ELÓI, 2013).

De fato, pode-se dizer que Clay Jensen, assim como Alex Standall são personagens duramente afetados pela culpa. Todavia, não são os únicos. A culpa aparece em todas as pessoas citadas como razão, com exceção de Bryce Walker. A ponderação de “poderíamos ter feito algo” é constante e a culpa continua sendo jogada de um lado para o outro.

Figura 6-Clay Jensen culpado após ouvir sua fita (Episódio 11)



Fonte: 13 Reasons Why (2017)

Já vimos como a culpa pode se tornar patológica; no caso de Clay Jensen, notamos a ocorrência de alucinações com Hannah Baker, que vão ficando cada vez mais frequentes conforme os episódios prosseguem. Não é apenas isso que a culpa faz. Clay Jensen se acidenta diversas vezes durante o seriado, quase sendo atropelado por um carro no primeiro episódio e ganhando uma cicatriz na testa. Além de ser espancado por Bryce Walker no episódio 12.

²⁸ Disponível em < http://www.psicologiafree.com/areas-da-psicologia/psicologia_clinica/sentimento-de-culpa-origem-e-consequencias/ >. Acesso em 20 de outubro de 2018

Figura 7- Clay Jensen quase é atropelado (Episódio 1)



Fonte: 13 Reasons Why (2017)

Figura 8- Clay Jensen após levar uma surra de Bryce walker (Episódio 12)



Fonte: 13 Reasons Why (2017)

Clay se torna obcecado pela justiça que Hannah demanda em suas fitas e, no episódio onze, após ter escutado a sua fita, Clay Jensen ameaça pular de um penhasco, afirmando “Por que eu não deveria pular? [...] A culpa foi minha. Como eu devo viver com isso?”.

Alex Standall também entra em um processo agudo de culpa, sofrendo de diversos problemas de saúde durante a narrativa, como dores de estômago, entrando em confusões como a briga no estacionamento do episódio seis, onde propositalmente procura uma situação que possa lhe oferecer uma punição, em uma espécie de tentativa desesperada de redenção e alívio. Sendo julgado pelo caso da briga, mas fazendo um paralelo direto com o caso de Hannah Baker, Alex diz: “Todos podem se safar de tudo e todos estão pouco se fodendo? Estou assumindo a porra da responsabilidade, já que vocês não conseguem”.

Em seguida, parece decepcionado com a decisão do conselho estudantil de apenas lhe dar uma advertência pelo corrido. Ao passo que o caso de Clay Jensen foi contido antes de uma tentativa de suicídio, o mesmo não aconteceu com Alex Standall. Ao final do episódio treze, descobrimos que ele tentou se matar com um tiro na cabeça e que está em condição crítica no hospital.

Figura 9- Alex Standall se joga na piscina, sentindo o peso da culpa (Episódio 3)



Fonte: 13 Reasons Why (2017)

Figura 10 - Alex Standall após a surra (Episódio 6)



Fonte: *13 Reasons Why* (2017)

É válido nos questionarmos se essa maneira de abordar a culpa em casos de suicídios é realmente saudável. Especialmente quando, até mesmo num contexto ficcional, leva a duas tentativas de suicídio. A partir disso, consideremos o impacto do suicídio nas pessoas relacionadas a vítima: “Um suicídio consumado tem um forte impacto emocional em todos os envolvidos. A família, os amigos e o médico do suicida podem sentir culpa, vergonha e remorso por não terem conseguido evitar o ato” (OLIVEIRA CASTRO, 2005, p.27). Osmarin afirma em seu artigo, citando Tavares, que o número de envolvidos em um suicídio de um adolescente, por exemplo, pode ser bem maior que seis ou dez pessoas, afetando também estudantes da mesma escola além de amigos mais próximos (TAVARES *apud* OSMARIN, 2015, p.5).

O Manual da OMS afirma em umas das suas diretrizes para noticiar o suicídio que: “As reportagens devem levar em consideração o impacto do suicídio nos familiares da vítima, e nos sobreviventes, em termos de estigma e sofrimento familiar.” Contudo, isso não acontece. As pessoas relacionadas a Hannah não são tratadas com cuidado algum; ao invés disso, a narrativa insiste em glorificar Clay até o último episódio com o seu discurso de culpa, que não muda em momento algum. Nem para si mesmo e nem para com os outros. Apesar de afirmar no episódio treze que: “É preciso melhorar o jeito como tratamos e cuidamos um do outro. Precisa melhorar de algum jeito.” Clay também afirma novamente o quanto todos eles poderiam ter evitado e impedido, revalidando o discurso de culpa.

Clay chega a levar Courtney Crimsen até o túmulo de Hannah, em outro acesso de raiva, onde a acusa de ter sido responsável pelo suicídio de Hannah ao que ela responde “Não é minha culpa.”

Figura 11-Clay leva Courtney ao túmulo de Hannah (Episódio 5)



Fonte: *13 Reasons Why* (2017)

Figura 12-Túmulo de Hannah (Episódio 5)



Fonte: *13 Reasons Why*(2017)

Para além da dinâmica de transferência de culpa, o *Reporting on Suicide. org* apresenta uma diretriz que recomenda que se deve evitar: “Incluir fotos/vídeos de localizações ou métodos do suicídio, parentes e amigos sofrendo, memoriais e funerais.” Configurando outra forma de desrespeito às recomendações, agravado a filosofia de que o jogo da culpa é justo.

Já discutimos aqui sobre a obsessão de Clay Jensen pelo suicídio de Hannah Baker, mas para que a nossa compreensão dessa obsessão seja completa, é preciso analisarmos outro personagem: Tony Padilla.

Por meio das mãos de Tony, o trânsito das fitas e a mecânica do jogo de Hannah Baker é passível de ser mantida. Segundo a própria personagem, em sua primeira fita, quando deixa claro todas as regras, existiria alguém trabalhando por ela que supostamente divulgaria os dados da fita se as regras fossem desrespeitadas. Tony, em si, não está nas fitas. Porém, compartilha ativamente da culpa e obsessão de Clay Jensen. O episódio dez termina com uma cena curiosa em que Clay Jensen pergunta “Eu matei Hannah Baker?” Ao que Tony responderá “Sim.”

Antes disso, podemos ver o personagem de Tony Padilla constantemente seguindo Jensen e insistindo para que ele continue escutando as fitas, mesmo quando percebe que elas podem não estar fazendo bem para ele. No episódio oito, convida Clay para uma escalada e assim que os dois se sentam no topo do penhasco, procede a iniciar uma conversa que culminará em uma descrição detalhada do momento em que Hannah Baker foi encontrada morta se referindo a cena como uma cena do crime.

Corri até a casa dela, a ambulância já estava lá. E os policiais. A porta da frente estava aberta e eu corri pra dentro. Os pais dela estavam lá, e ela... Eles a colocaram num saco. Lembro de ter me perguntado "esse saco não tem alças nesse saco, como vão levantá-la? Como vão carregá-la? E eles só pegaram o saco e a jogaram na ambulância" (PADILLA, 2017).

O *Reporting on Suicide* se posiciona da seguinte maneira em relação a relatos dessa natureza, afirmando que é recomendado evitar: “Apresentar e Investigar o suicídio de maneira similar como se faria em uma investigação criminal” como também “Entrevistar/citar a polícia e os primeiros a chegar na cena sobre as causas do suicídio.” Incluiremos a infração do personagem Tony nessa categoria pelo fato do relato ter sido um agravante para o favor sensacionalista. Ao iniciar a conversa perguntando a Clay se ele “Já via visto uma cena de

crime”, introduziu o assunto de uma maneira já incorreta. Isso se alinha com o que Tony acredita, contudo, na noção de que existem pessoas diretamente culpadas nessa história.

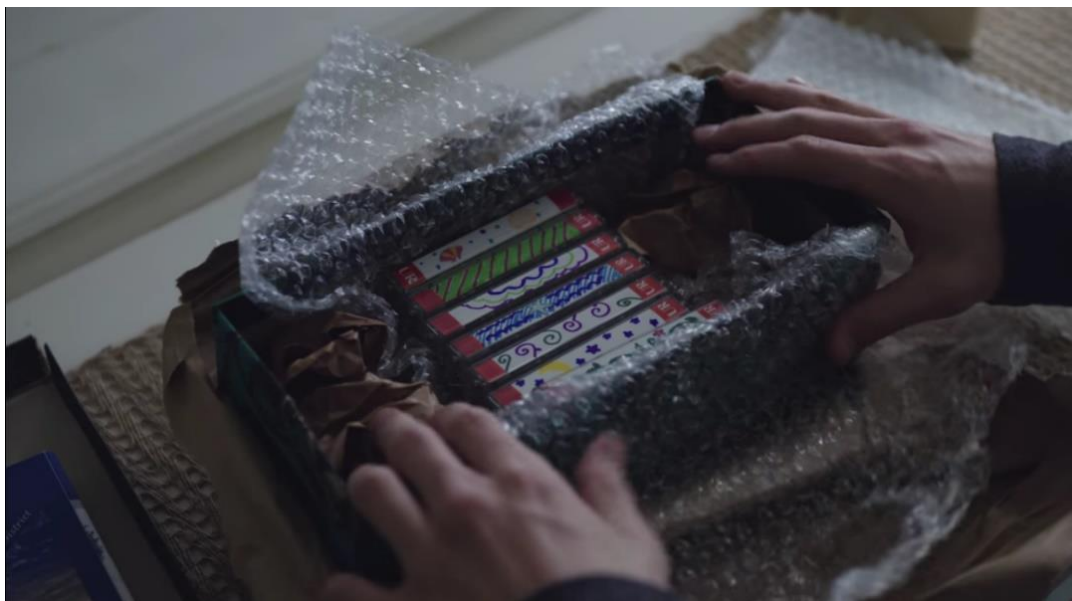
13 Reasons Why como um todo também tem certo caráter investigativo, justiceiro que atribui qualidade de crime a um problema de saúde mundial. Tal tipo de abordagem é irresponsável. O suicídio não é um acontecimento simplista e uma caça aos culpados não seria benéfica em nenhuma instância a nenhuma das partes envolvidas. Como dito pelo Manual de recomendações da OMS:

O suicídio não deve ser mostrado como inexplicável ou de uma maneira simplista. Ele nunca é o resultado de um evento ou fator único. Normalmente sua causa é uma interação complexa de vários fatores, como transtornos mentais e doenças físicas, abuso de substâncias, problemas familiares, conflitos interpessoais e situações de vida estressantes. O reconhecimento de que uma variedade de fatores contribui para o suicídio pode ser útil (OMS, 2000).

Essa noção, aliada a recomendação de que o suicídio torna todo o caráter justiceiro, “quem é o culpado” da série, uma abordagem problemática que lesa os sobreviventes ao invés de oferecer auxílio e revolve os adolescentes que não buscam ajuda de adultos a lugares de heroísmo, como já discutido.

Mas de onde vem essa espiral de culpa? A resposta está em Hannah Baker, mas especificamente em suas fitas. Hannah age, desde o início, como um juiz que impõe um jogo. Sua carta de suicídio, uma caixa com 13 fitas, nada mais é do que um estatuto detalhado de culpa. As consequências para não escutar as fitas, vem em forma de ameaça concreta: os personagens assim se veem completamente presos e reféns. Essa abordagem leva a questionamentos importantes, uma vez que as fitas de Hannah Baker são a premissa do seriado.

Figura 13-Clay acha a caixa de fitas de Hannah (Episódio 1)



Fonte: *13 Reasons Why* (2017)

Em Reporting On Suicide. Org, recomenda-se que as cartas das vítimas de suicídio não sejam publicadas, pedindo aos comunicadores que deem preferência a uma referência objetiva aos escritos, se necessário. As razões para isso, são os sentimentos de luto patológico que elas podem causar, além de um possível estímulo a pessoas que possam ser influenciadas pelo “Efeito Werther”. Porém, *13 Reasons Why* é, desde o seu início até o último episódio, nada mais do que a leitura integral de uma carta de suicídio.

Em quesitos de luto patológico, podemos afirmar:

O luto patológico, também denominado pelos psicanalistas de melancolia consiste na introjeção de aspectos amorosos e odiosos do morto que passam a fazer parte do mundo interno do sobrevivente. Como essa introjeção se processará e quais os seus resultados, dependerá de fatores constitucionais e de como se processou a formação e o funcionamento do mundo inteiro. No luto normal predominam os elementos amorosos e, no patológico, a ambivalência amor-ódio pende para o sentimento de que esse morto internalizado é malvado, persecutório. [...] o ato suicida é altamente agressivo também em relação aos sobreviventes. Na fantasia do suicida, as pessoas próximas (ou a sociedade) deverão sentir-se culpadas, com remorsos, por não terem suprido as suas supostas carências ou por injustiçá-lo. O interessante é o fato de que o morto “vê” e se satisfaz com o sofrimento de seus supostos algozes, não tendo consciência de que ele não mais existe (OLIVEIRA CASTRO, 2005, p. 17).

Aqui podemos ver uma das razões pelas quais a publicação de cartas suicidas não deve ser incentivada: a pessoa que as escreveu estava em um estado de profundo sofrimento emocional e sem sombra de dúvida, muito afastada de seu melhor julgamento. Nesse sentido, publicar e até mesmo usar as cartas da maneira como o seriado sugere não é apenas prejudicial para as personagens, como também para a memória da vítima. Essa imagem de vilão, persecutória é exatamente a luz sob a qual Hannah Baker é pintada quando ela morre. Em suas atitudes maquiavélicas, se enxerga não o reflexo da menina doce que ela mostrou ser durante toda narrativa, mas uma versão de si completamente mudada pelo sofrimento.

Além disso, a publicação de cartas suicidas está nas recomendações pela mesma razão que os *Sofrimentos do jovem Werther* de Goethe está no centro do “Efeito Werther” e da noção de contágio: Quando existe uma narrativa com esse caráter imersivo, outras pessoas podem se sentir influenciadas por ele (OMS, 2000). No mesmo fragmento de texto, identificamos uma espécie de luto que não é “destrutiva, que é o luto normal, onde predominam sentimentos amorosos.”

A atenção ao luto dos sobreviventes deve preconizar uma atitude extremamente acolhedora, em que todos os enlutados possam falar, compartilhar os seus sentimentos e sentirem se seguros de que não serão julgados. O não julgamento nesse acolhimento é muito importante. Isso porque deve ser um espaço e um tempo em que seja permitida uma comunicação aberta, sincera, a fim de que todos os enlutados possam dar significado a sua perda e possam prosseguir vivendo (SILVA apud OSMARIN, 2015, p.9)

Podemos perceber então a clara diferença entre a maneira recomendada e a maneira escolhida no seriado. Em *13 Reasons Why* não existe diálogo sem julgamento, todos os personagens são inimigos e a maioria luta para ocultar a verdade das fitas a qualquer custo.

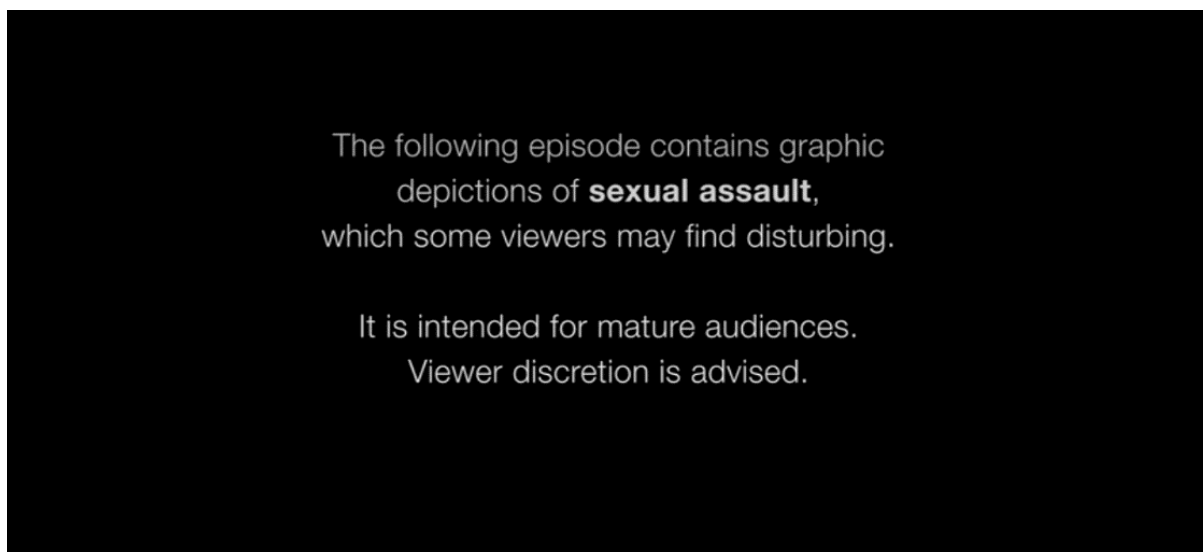
É importante ressaltar que aqui não estamos falando que o suicídio de Hannah Baker deveria ser ocultado, mas a maneira como ele foi noticiado para os sobreviventes, foi irresponsável, insensível e dificultador do processo de superação do luto.

A ocultação da verdade é, na realidade, um ponto importante que também necessita ser visto e analisado como o será no tópico seguinte.

6.2 ESTUPRO, SILÊNCIO E DESAMPARO

13 Reasons Why apresenta um total de três *disclaimers*²⁹ ao início de seus episódios, dois dizendo respeito a cenas de estupro nos episódios nove e doze (FIGURA 14) e um dizendo respeito a uma cena de suicídio. Isso acontece devido à natureza extremamente gráfica dessas cenas, que podem ser consideradas como gatilhos para alguns espectadores.

Figura 14-*Disclaimer* sobre violência sexual nos episódios 9 e 12



Fonte: *13 Reasons Why* (2017)

Podemos definir gatilhos mentais como:

Gatilhos Mentais são técnicas Poderosas de Persuasão utilizadas para influenciar tomadas de decisão. Técnicas estas baseadas em estudos da Psicologia. Tais técnicas estão relacionadas com aspectos instintivos, emocionais e sociais que todo ser humano tem. Existem estudos da Psicologia que chegaram a conclusão que todas decisões que tomamos são tomadas primeiro pelo nosso inconsciente e somente em um segundo momento vem a consciência para analisar e justificar a decisão³⁰ (BREJÓN, 2017).

Assim, nos deparamos com cenas delicadas, que podem ocasionar respostas inconscientes em telespectadores que estejam sensibilizados para tais conteúdo. O *disclaimer* em questão nesse tópico, diz respeito aos dois estupros que ocorrem durante a série, ambos

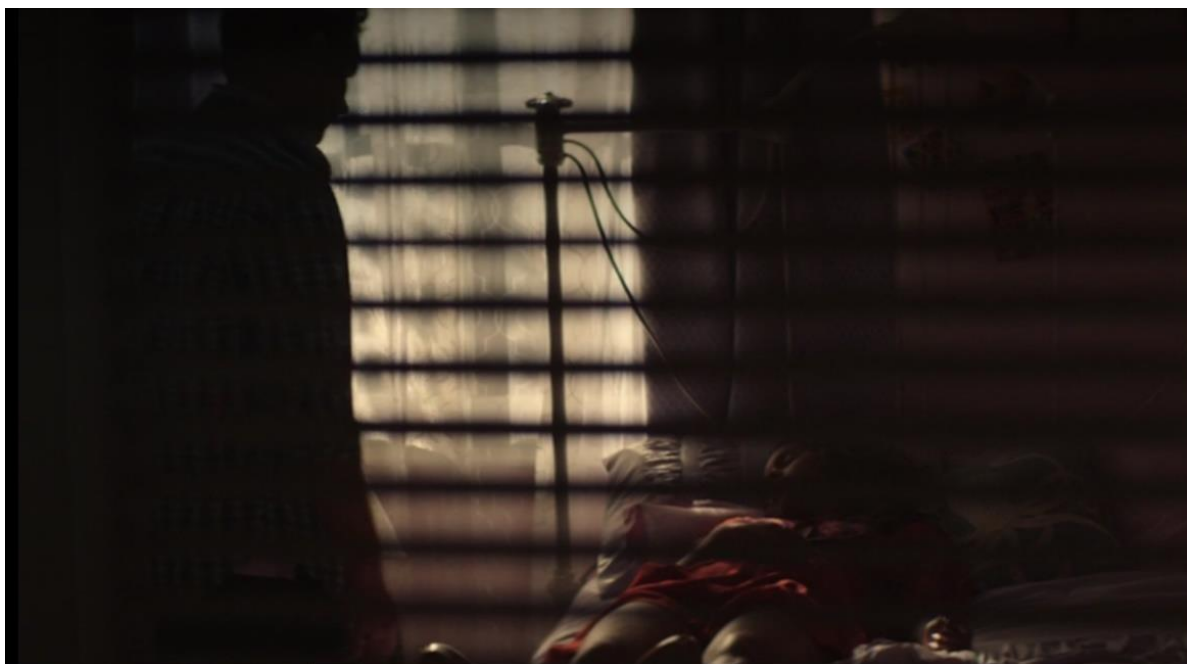
²⁹ “Uma ressalva, aviso legal ou termo de responsabilidade ou ainda no anglicismo, *disclaimer* é uma referência ou aviso, encontrado comumente em mensagens eletrônicas e páginas da Web, que informa os direitos do leitor de um determinado documento e as responsabilidades assumidas ou, normalmente, não assumidas pelo autor deste documento” – Disponível em < https://pt.wikipedia.org/wiki/Aviso_Legal>. Acesso em 12 de novembro de 2018.

³⁰ Disponível em < http://andrebregon.com.br/noticias/wp-content/uploads/2017/07/ebook-10-GATILHOS-MENTAIS_REV.pdf>. Acesso em 22 de outubro de 2018

tendo como agressor o personagem Bryce Walker, o atleta da escola e o protagonista da fita doze.

O estupro de Jessica Davis acontece no episódio nove, quando Bryce a encontra alcoolizada com o namorado Justin e o expulsa do quarto, procedendo em estuprá-la, cena presenciada por Hannah Baker, que no dado momento, estava escondida no armário.

Figura 15 -Hannah vê Bryce momentos antes do estupro de Jessica (Episódio 9)



Fonte: *13 Reasons Why* (2017)

Hannah adereçou o assunto em suas fitas e Justin Fowler, namorado de Jéssica e personagem principal da primeira fita de Hannah, era uma testemunha do caso. Apesar disso, mesmo após a grande maioria dos envolvidos terem ouvido as fitas, os personagens insistem em preservar Bryce Walker, chegando ao ponto de esconder a verdade de Jessica Davis, que passa a agir de maneira errática, apresentando problemas com alcoolismo do meio para o final da série, enfrentando um processo de sofrimento mental intenso.

O segundo estupro acontece no episódio doze: É o estupro de Hannah Baker. Sem qualquer som além do som das respirações rasgadas, da água da banheira e do choque de corpos, os ângulos dessa cena são sempre fechados em detalhes. A mão de Bryce abaixando as roupas de baixo de Hannah, a mão da personagem, primeiro tensionada e depois lânguida, assim como o seu rosto encostado na borda da banheira, o qual assume uma expressão de apatia em meio caminho durante o ato e permanece assim por vários segundos, encarando o nada.

O estupro de Hannah foi o ponto que a levou gravar as fitas e ela o faz assim que chega em casa, no mesmo dia. "Na minha opinião, há dois tipos de morte: Se você tiver sorte, tem uma vida longa e um dia seu corpo para de trabalhar e acabou. Mas se você não tem sorte, você morre um pouco de novo e de novo até que perceba que é tarde demais." É dito pela personagem, complementado por: "E naquele momento: Eu senti que já estava morta". No episódio doze, referente ao momento em que deixa a casa de Bryce Walker, após o estupro.

Figura 16 - Bryce estupra Hannah (Episódio 12)



Fonte: *13 Reasons Why*(2017)

Figura 17 - Close up no rosto de Hannah durante o estupro (Episódio 12)



Fonte: *13 Reasons Why* (2017)

13 Reasons Why irá mostrar; durante a segunda temporada da série, exibida em 2018, o estupro do personagem Tyler, no banheiro da escola, imita novamente a maneira gráfica como Bryan York, o diretor da série se compromete a retratar os atos. Mediante o recebimento de diversas críticas, o diretor afirma:

Nessa série estamos comprometidos com contar histórias verdadeiras sobre coisas pelas quais os jovens passam, da maneira firme possível... a realidade é que, por mais intensa que seja a cena, e por mais fortes que sejam nossas reações, elas não chegam nem perto da dor sentida pelas pessoas que passam por isso de verdade³¹(YORK apud BLICKLEY, 2018).

Apesar desse discurso, existe outro discurso que se sobressai pela montagem e curso dos acontecimentos em *13 Reasons Why*. Esse discurso se concretiza no fato de que, mesmo após as denúncias contra Bryce no final da primeira temporada e o curso da segunda temporada, no qual mais evidências são reunidas e na qual o personagem chega a confessar os atos, o resultado para todas as suas ações são três meses de condicional porque o juiz o acredita capaz de mudar. Em quesito de mensagem, esse tipo de direção narrativa caminha para um lugar perigoso, quando associado a cultura de estupro.

³¹ Disponível em < https://www.huffpostbrasil.com/2018/05/30/13-reasons-why-comecou-uma-conversa-seria-quem-e-o-responsavel-por-termina-la_a_23446885/ >. Acesso em 23 de outubro de 2018.

Porque ao tratar de forma tão irresponsável todo o caso que procedeu o estupro de Hannah Baker, a mensagem que a série deixa não é para as mulheres denunciarem seus estupradores. Não é para as meninas procurarem um responsável e não se deixarem calar pelo medo ou pela culpa ao acusarem um colega de estupro. A mensagem que fica não é a de “GRITE! Não se cale. Denuncie. A culpa não é sua!”. A mensagem que fica é a de que não importa quantas provas existam, as testemunhas ou acusações. O estuprador vai ter uma chance de mudar. Ele pode recomeçar sua vida, após uma punição que não destrua toda a sua vida. As consequências desse abuso recaem totalmente sobre a mulher. O homem continua sua vida. Sem nenhum remorso. Afinal, ele tem poder para isso³²(REVISTA SUBJETIVA, 2018).

Ainda que, como declarado por Brian York, a série tenha o objetivo de retratar as situações no grau mais elevado de aproximação a realidade, não leva em conta seu público alvo adolescente e a influência de tais conteúdos na formação de conceitos para idade adulta que tal tipo de conteúdo pode acarretar. Além de ensinar às vítimas de estupro que é melhor se calar, também passa aos homens a mensagem de impunidade.

De acordo com a Organização Mundial de Saúde (OMS), a faixa etária que compreende adolescência vai dos 10 aos 19 anos de idade, padrão adotado também no Brasil pelo Ministério da Saúde (BRASIL, 2010). A adolescência é um importante momento de aprendizagem na vida do indivíduo. É uma fase propícia para adoção de novos comportamentos e atitudes, principalmente, no que tange à sexualidade. [...] Compreendendo que o aspecto mais relevante à problemática em questão, relação mídia e adolescentes, é que a mídia com seu poder de persuasão apresenta um mundo de informações referentes à sexualidade aos adolescentes, mas não os capacita a lidar com as consequências dessas atitudes. Interfere e molda comportamentos, mas existe pouca ou mínima preocupação por parte dos veículos de comunicação em influenciar para atitudes positivas (ALVES, 2016, p. 3).

Isso nos leva a questão de desamparo e de desconfiança em relação às figuras adultas na narrativa, porque se o estupro de Bryce Walker foi um pontapé em direção ao suicídio de Hannah, a orientação de Kevin Porter, conselheiro da escola, teria sido a queda, segundo a própria personagem.

Porter é o conselheiro estudantil e é a décima terceira e última razão de Hannah Baker. Em sua última conversa com Hannah, o personagem do conselheiro é construído de maneira a parecer completamente incompetente em seus conselhos e orientações. Ao confessar o seu estupro, Kevin teria pedido o nome do agressor a Hannah, parecendo duvidar dela várias vezes durante a conversa e eventualmente dizendo "Não estou tentando ser ríspido, Hannah, mas

³² Disponível em < <https://medium.com/revista-subjetiva/13-reasons-why-e-a-irresponsabilidade-ao-falar-sobre-estupro-b1dbb1f53f19> >. Acesso em 23 de outubro de 2018.

você pode seguir em frente", quando ela se recusa a confrontar Bryce diante da alegação dele de que não poderia ter certeza de que o estuprador seria preso se ela confessasse. Apesar da insistência do conselheiro para que Hannah ficasse e conversassem mais, ela insiste em sair.

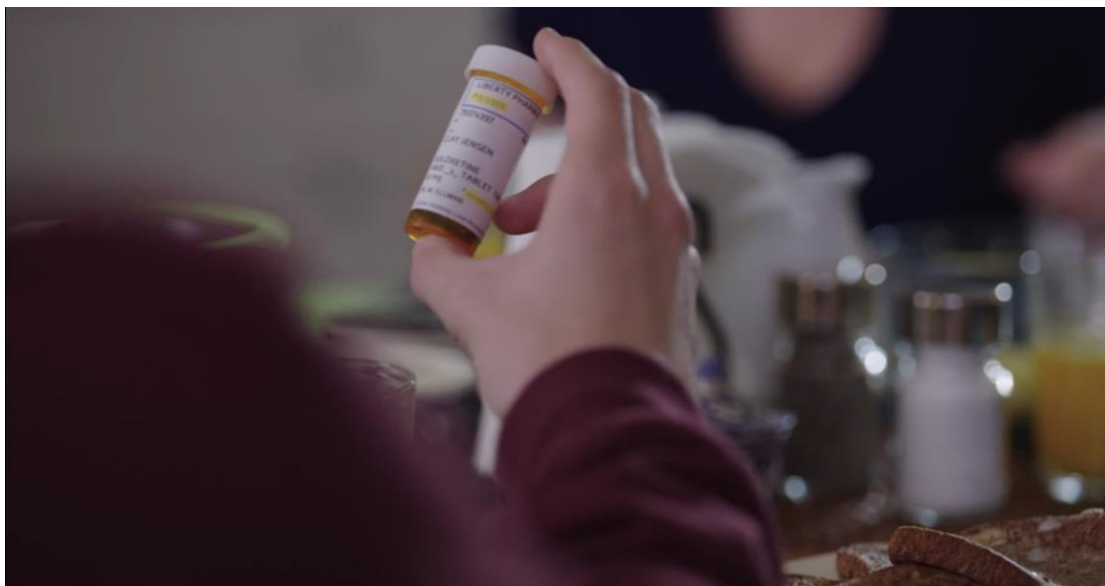
Quando Clay Jensen o confronta no décimo terceiro episódio, a dinâmica de culpa ainda está presente. Quando Porter tenta argumentar com ele, tentando quebrar esse ciclo, Clay responde com: "Acho que isso é mentira. Acho que devemos nos culpar. Acho que todos poderíamos ter feito mais." E complementando "Hannah Baker veio te ver no dia que ela morreu [...] Ela saiu dessa sala, esperando que você fosse atrás dela, mas você não foi." E então procede a dar ao conselheiro uma descrição detalhada do suicídio, em um discurso que chega ao ápice do paradigma de culpa expresso em todo o seriado. Já discutimos o quanto o quesito da culpa pode se tornar patológico e em *13 Reasons Why*, não existe uma cura pra ele. Clay Jensen é irredutível em seu julgamento de que todos são os responsáveis e, como discutido anteriormente, esse comportamento cobra seu preço psicológico em diversos personagens, além dele mesmo.

Antes disso, desde os primeiros episódios da série, vemos *Liberty High School* como um dos principais vilões da história, cuja motivação maior é retirar a importância do caso de suicídio de Hannah Baker para escapar da publicidade ruim e eventuais gastos que esse fato poderia ocasionar para a instituição. O diretor chega a ordenar que as paredes dos banheiros sejam pintadas para esconder evidências de bullying, que seriam usadas no processo dos pais de Hannah contra a escola. A fala de Clay Jensen, no episódio sete, mostra esse caráter de desconfiança para com as figuras do corpo estudantil.

Estão vendo todos esses cartazes de "não se mate" na parede? Eles não estavam aí antes. Eles os colocaram porque ela se matou E por que ela fez isso? Porque os jovens daqui a tratavam feito merda. Mas ninguém admite, então pintaram os banheiros e fizeram um memorial porque esta escola é assim. Todos são muito legais, até que fazem você se matar. Bem-vindos a Escola Liberty (JENSEN, 2017).

A mãe de Clay Jensen, Lainie Jensen (Amie Hargreaves) também é apresentada sob uma luz difusa e novamente, não confiável. No episódio dois tenta ajudar oferecendo remédios que o personagem tomava antigamente, possivelmente para um tratamento psicológico. "Clay, sabemos que as últimas duas semanas tem sido difíceis.", ela diz.

Figura 18 - Clay recebe os remédios da mãe (Episódio 2)



Fonte: *13 Reasons Why* (2017)

Porém, a resposta de Clay é se levantar e sair, sem dizer nada sobre os remédios, como se eles fossem uma resolução ineficaz ou prejudicial. Essa resposta não só é uma das muitas maneiras que Clay não considera a ajuda da mãe como viável, como também mostra aversão ao tratamento medicamentoso de transtornos mentais. Isso configura um estigma que torna mais difícil o tratamento da depressão e outros transtornos ao redor do mundo ³³(OMS, 2018).

Os medicamentos são comumente utilizados no tratamento em saúde mental, sendo a disponibilidade generalizada e a eficácia as maiores responsáveis pela utilização em ampla escala deste recurso. Assim, a terapêutica medicamentosa é um importante recurso no tratamento em saúde mental, sem objetivo de curar, mas de favorecer a qualidade de vida do indivíduo, contribuindo para o bem-estar físico e mental, auxiliando na reinserção social e no reestabelecimento da autonomia do indivíduo como um cidadão. (ALCÂNTARA; CAPISTRANO; CZARNOBAY; FERREIRA; BRUSAMARELLO; MAFTUM, 2018, p.1).

Laine Jensen também é a advogada contratada pela *Liberty High School* para representar o caso contra Hannah Baker. Em uma nova afirmação do caráter vil da instituição de ensino ela afirma no episódio sete: " Ela era uma garota linda e doce e está morta. Claro,

³³ Disponível em < https://www.paho.org/bra/index.php?option=com_content&view=article&id=5385:com-depressao-no-topo-da-lista-de-causas-de-problemas-de-saude-oms-lanca-a-campanha-vamos-conversar&Itemid=839>. Acesso em 11 de novembro de 2018.

nós deveríamos acabar com ela. Verificar sua reputação, namorados, qualquer coisa que ela possa ter escrito ou dito."

A falta de amparo dos adultos leva a narrativa a um discurso que incita o heroísmo irresponsável em adolescentes, levando-os a reflexão de que devem agir sem pedir ajuda ou consultar seus responsáveis. Heroísmo irresponsável que vai atingir seu ápice na segunda temporada, quando Clay Jensen, no último episódio da continuação, lançada em 2018, se coloca na frente de uma arma para impedir um tiroteio na escola, sem ter buscado as autoridades quando descobriu o que ia acontecer. "No episódio 13, "Bye", Tyler Down (Devin Druid) foi brutalmente agredido e estuprado por outros três rapazes. Tyler, em seguida, opta por se armar com rifles e dirige-se à escola durante a dança da primavera, com Clay conseguindo convencê-lo a não fazer uma besteira"³⁴ (NARCISO, 2018).

Em conclusão, no universo de *13 Reasons Why*, não existe saída: Os estupradores continuam livres, sem pagar pelos seus atos, os parentes e adultos são incompetentes e não podem ser confiados, o silêncio das vítimas é incentivado. A construção desse universo e a maneira como os personagens reagem a ele dificilmente representa uma boa referência para formação de conceitos sobre qualquer um desses assuntos. Em sua busca pelo realismo, Bryan York se esquece do seu público alvo adolescente e acaba criando uma série de atropelos em suas próprias boas intenções.

Se consultarmos o Manual da OMS, veremos ainda a seguinte recomendação: "O suicídio não deve ser mostrado como um método de lidar com problemas pessoais como falência financeira, reprovação em algum exame ou concurso ou abuso sexual." Porém, Hannah Baker decide se matar após um dia onde respectivamente foi a responsável por uma perda monetária de grande importância para sua família que enfrentava problemas financeiros e sofre abuso sexual. Sua única motivação para continuar vivendo torna-se gravar as fitas e então, a última pessoa com que fala é o conselheiro educacional, Kevin Porter. Mediante a sua saída de lá, ela afirma: "Eu acho que deixei bem claro o que pretendo fazer e ninguém está tentando me parar. Alguns de vocês se importaram, mas ninguém se importou o suficiente. Esse é o fim da fita treze, não há mais nada a dizer."

Debatendo sobre as razões do suicídio, Durkheim afirma que, quando inserido em um quadro de sofrimento prévio, um pequeno estímulo pode levar o indivíduo ao suicídio. Uma mera ligação que não foi atendida, um dia ruim. Porém, esse incentivo não representa a

³⁴ Disponível em < <http://mixdeseries.com.br/criador-de-13-reasons-why-tentou-justificar-cena-que-chocou-o-publico-na-2a-temporada/>> Acesso em 29 de outubro de 2018

totalidade capaz de explicar a complexidade do suicídio. Ele é meramente um estopim (DURKHEIM, 2000, p.257). Por essa razão, a responsabilidade colocada em cima do conselheiro estudantil perde um pouco das proporções e se torna exagerada.

No tópico a seguir trataremos sobre a depressão e o suicídio de Hannah Baker diretamente, explorando ainda mais as mensagens imbuídas nas representações do seriado.

6.3 MACHISMO E DEPRESSÃO

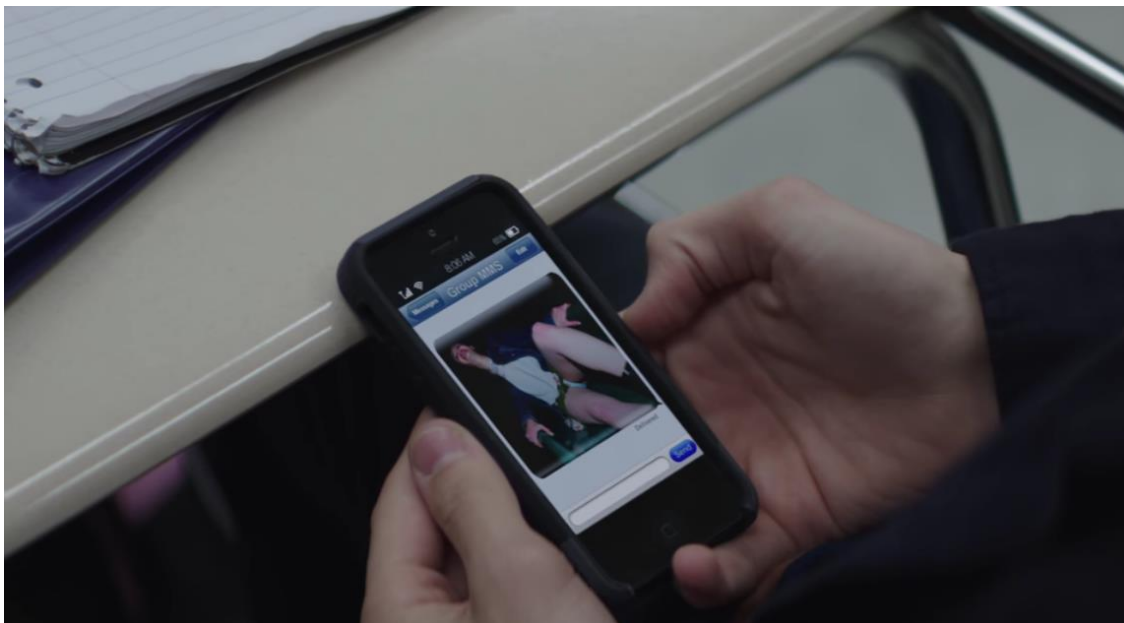
A personagem Hannah Baker é construída pelo enredo como uma jovem bonita, gentil, engraçada e inteligente que se muda para uma cidade nova com os pais atrás de um novo começo. Nos primeiros episódios, descobrimos sua amizade com Alex Standall e Jessica Davis. Somos apresentados a Clay Jensen e ao trabalho da personagem no cinema. Também conhecemos os pais de Hannah Baker e a relação saudável que eles compartilham, além do ambiente de convivência leve e amoroso, apesar das dificuldades monetárias. No primeiro episódio, porém, somos também apresentados a outra premissa que terá um peso esmagador na narrativa: A busca de Hannah Baker pelo amor romântico.

No livro *Cultura de Massas do Século XX* (2009, p. 131), Edgar Morin afirma que o amor é o tema central da felicidade moderna, e tornou-se também tópico obsessivo da cultura de massa. Segundo o autor, estas características o fazem aparecer mesmo em situações nas quais normalmente não estaria implicado. No cinema ocidental, e ainda mais marcadamente no cinema hollywoodiano, é raro encontrar um filme em que o tópico não esteja presente, quando não em papel de relevância. De acordo com Morin (2009, p. 131), certamente já havia uma presença do amor de maneira obsessiva nos romances fantasiosos do século XVII e no teatro burguês do começo do século XX, mas a cultura de massa universalizou, em todos os setores, a obsessão pelo tema, transformando-o no que chama de “grande arquétipo dominante da cultura de massa”. O autor comenta que a ideia do amor como legítima obsessão da vida remonta de um passado distante, e é justificada pelo princípio lírico do sentimento, sempre apresentado de maneira poética (CARVALHO MOURA, 2013, p.35).

No caso de *13 Reasons Why*, a noção do amor como legítima obsessão da vida, se repete. Vemos Hannah Baker constantemente procurar por um relacionamento e colecionar frustrações, advindas principalmente do machismo. No primeiro episódio, Justin Fowler (Brandon Flynn) se mostra interessado em Hannah Baker e chega a sair com ela para um parquinho onde eles se beijam e ele tira uma foto da calcinha da personagem. Ao mostrar a foto aos amigos no dia seguinte para validação, Justin é influenciado a compartilhar a foto com

os colegas da escola, distorcendo a realidade para fazer parecer que ele e Hannah teriam tido relações sexuais para além do beijo.

Figura 19 - Clay recebe a foto comprometedor de Hannah pelo celular (Episódio 1)



Fonte: *13 Reasons Why* (2017)

Hannah inicia a partir daí o processo de *slut-shaming*³⁵ que sofrerá pelo decorrer de toda a narrativa, agravando a sua saúde psicológica. No ato do compartilhamento da foto, bem como na reação de Clay Jensen, que trata Hannah de maneira diferenciada depois de escutar as histórias, podemos reconhecer o machismo que será recorrente na série.

Ao apropriar-se da realidade sexual, o machismo, em seu efeito de mistificação, supercodifica a representação de uma relação de poder (papéis sexuais, símbolos, imagens e representações eróticas, instituições sexuais, etc.) produzindo “duas linguagens”: uma masculina e uma feminina. Neta produção-reprodução de papéis, códigos, representações sexuais, etc., há uma produção do espaço aberto no sentido dado à expressão “corpo sem órgão” por Guattari e Deleuze da extorsão do prazer, do sentido, do poder, do objeto, etc., onde se reproduzem as próprias condições de subordinação da mulher (DRUMONT, 1980, p.82).

³⁵ Difamação de uma mulher que parte da presunção sobre suas relações sexuais” –(Defaming a woman for the presumed frequency of her sexual activity) (COFFEY, 2014) – Disponível em <<https://www.psychologytoday.com/gb/blog/the-bejeezus-out-me/201406/whats-really-behind-slut-shaming>>. Acesso em 31 de outubro de 2018.

No machismo existe a noção de dominação e dominado, sendo respectivamente o homem e a mulher. Encontramos também a noção de submissão e servidão, exposta e difundida por muitos textos religiosos. Podemos ver alguns exemplos em Bíblias Católicas:

Vós, mulheres, submetei-vos a vossos maridos, como ao Senhor; porque o marido é a cabeça da mulher, como também Cristo é a cabeça da igreja, sendo ele próprio o Salvador do corpo. Mas, assim como a igreja está sujeita a Cristo, assim também as mulheres o sejam em tudo a seus maridos” (EFÉSIOS 5:22-24, 2005, p.1252).

Encontramos no Alcorão, ideias parecidas: “Vossas mulheres são, para vós, campo lavrado. Então, achegai-vos a vosso campo lavrado, como e quando quiserdes [...] se um homem convida sua esposa para dormir com ele e ela se recusa a ter com ele, então, os anjos enviam sua maldição sobre ela até a manhã” (SURATA, 2:223).

Esse tipo de filosofia, expressa em livros muito antigos, não difere do comportamento dos adolescentes de Liberty High School, ambientado em 2018. Hannah Baker é tachada de vadia e Justin Fowler mantém seu prestígio, apenas aumentando-o pela conquista. Ela mesma irá dizer: “É assim que funciona no ensino médio: garotos falam, garotas escutam e tudo vira uma bagunça.”

O machismo leva Alex Standall a escrever uma lista que classificaria as garotas da sala em categorias: lábios mais bonitos, melhor bunda, dentre outros. Hannah Baker é eleita como melhor bunda e o assédio apenas continua. Quando questionado pelos motivos de ter feito a lista, Alex afirma que estava bravo com a namorada Jessica Davis porque ela teria lhe negado sexo. A vingança motivada pela falta de respeito com uma mulher levou a uma atitude danosa para muitas outras.

Jessica Davis é a primeira amiga de Hannah Baker; porém, isso termina, colocando um ponto final amargo na amizade das duas. E o motivo por isso? Rivalidade feminina.

Figura 20 - Jessica estapeia Hannah (Episódio 2)



Fonte: 13 Reasons Why (2017)

Em sua tese de graduação, Ivana Carolina Santos da Silva (2016) analisa a relação de sororidade e rivalidade feminina nas princesas de Disney. Ela afirma como as relações de poder e submissão de tais narrativas tendem a identificar as amizades entre mulheres como falácias: Porque uma das vertentes da dominação masculina e de sua violência simbólica encontra-se na ideia de que as mulheres são rivais, sendo uma inimiga da outra, com isso, as mulheres brigam entre si afastando o verdadeiro inimigo que é a dominação masculina e suas consequências” (SILVA, 2016, p.14).

Hannah e Jessica brigam porque Jessica acredita que ela esteja dormindo com Alex Standall, seu namorado na época e culpa Hannah pelo fim do relacionamento deles. Jessica chega a chamar Hannah de vadia e agredi-la com um tapa.

Essas não serão as únicas demonstrações de machismo. A maioria das pessoas presentes nas fitas de Hannah são homens. Bryce Walker (Justin Prentice) a assedia diversas vezes, chegando a finalmente estupra-la no episódio doze. Tyler Down a persegue em nome do amor obsessivo que sentia por ela, tirando fotos da personagem, violando sua privacidade e instalando paranoia. Marcus Cole e Zach Dempsey reagem mal a rejeição da personagem, prosseguindo em insultá-la e tentar prejudicá-la, novamente em uma noção de “vingança”. Ryan Shaver expõe um poema pessoal dela no jornal da escola, traíndo sua confiança. Kevin Porter duvida da personagem em sua denúncia de estupro. Hannah é constantemente

objetificada, assediada física e moralmente, exposta e ferida por personagens masculinos na narrativa.

Feitas todas essas considerações, nos voltaremos a relação do machismo com a temática da depressão e suicídio, que são os nossos focos. O machismo tirou de Hannah seus amigos, sua reputação e sua privacidade e, acuada dessa forma, a personagem começou a adoecer cada vez mais psicologicamente. Podemos afirmar assim que o ambiente favoreceu o surgimento e agravamento da condição da personagem. Como dito pela OMS em sua folha informativa da depressão³⁶:

A depressão é resultado de uma complexa interação de fatores sociais, psicológicos e biológicos. Pessoas que passaram por eventos adversos durante a vida (desemprego, luto, trauma psicológico) são mais propensas a desenvolver depressão. A depressão pode, por sua vez, levar a mais estresse e disfunção e piorar a situação de vida da pessoa afetada e o transtorno em si (OMS, 2018, online).

Hannah Baker tem problemas com autoestima desde os primeiros episódios e podemos ver evidências disso quando ela pergunta a Clay no episódio 2: “Você acha que eu posso ser tão linda quanto Jessica Davis?”. Qualquer condição que ela pudesse ter, contudo, torna-se gradativamente patológica e a narração das fitas vai ficando cada vez mais depressiva e solitária. Hannah Baker deixa, aos poucos, de ter amigos, de se interessar pelas coisas e começa a se sentir cada vez mais como um fardo. No episódio oito, descobrimos pelo conselheiro Kevin Porter, que as notas da personagem começaram a cair e pouco a pouco. No episódio sete, os bilhetes que Hannah recebia na aula de comunicações eram seu único conforto. Nessa mesma aula, Hannah teria compartilhado um bilhete anônimo que denunciava profunda depressão e pensamentos suicidas. “E se o único jeito de não se sentir mal for parar de sentir qualquer coisa para sempre?”. Tendo sido por uma professora, o bilhete, todavia, não recebeu a atenção que deveria receber por um membro do corpo estudantil, configurando mais um caso de negligência. Hannah expressa o sentimento de “vazio” no episódio doze:

Parecia que não importava o que eu fizesse, eu sempre decepcionava as pessoas. Comecei a pensar como a vida de todos estaria melhor sem mim. E como é essa sensação? A sensação é um nada. Como um vazio, sem fim, um grande nada. E para aqueles que agora vão procurar por sinais em todos os lugares, como isso realmente se parece? Essa é a coisa assustadora: Não se parece com nada (BAKER, 2017).

³⁶ Disponível em < https://www.paho.org/bra/index.php?option=com_content&view=article&id=5635:folha-informativa-depressao&Itemid=822>. Acesso em 29 de outubro de 2018.

No tópico sobre depressão falamos sobre o sentimento de “nada” que é considerado característico da depressão. Hannah Baker mergulha cada vez mais nesse sentimento, até que chega ao máximo do sofrimento psicológico, não vendo outra saída além do suicídio. As observações indicadoras claras de depressão aparecem em diversos outros episódios. No episódio dez, Hannah afirma: "Há tantas coisas erradas no mundo. Há tanta dor. Não pude suportar sabendo que eu tinha deixado pior. E eu não podia suportar saber que nunca melhoraria". No episódio onze, na fita de Clay Jensen: "Seu nome não pertence a essa lista. Mas você precisa estar aqui se eu quiser contar minha história. Se eu quiser explicar porque fiz o que fiz. Porque você não é como os outros caras. Você é diferente: Você é bom, gentil e decente. E eu não merecia estar com alguém como você. Eu nunca mereceria. Eu teria arruinado você".

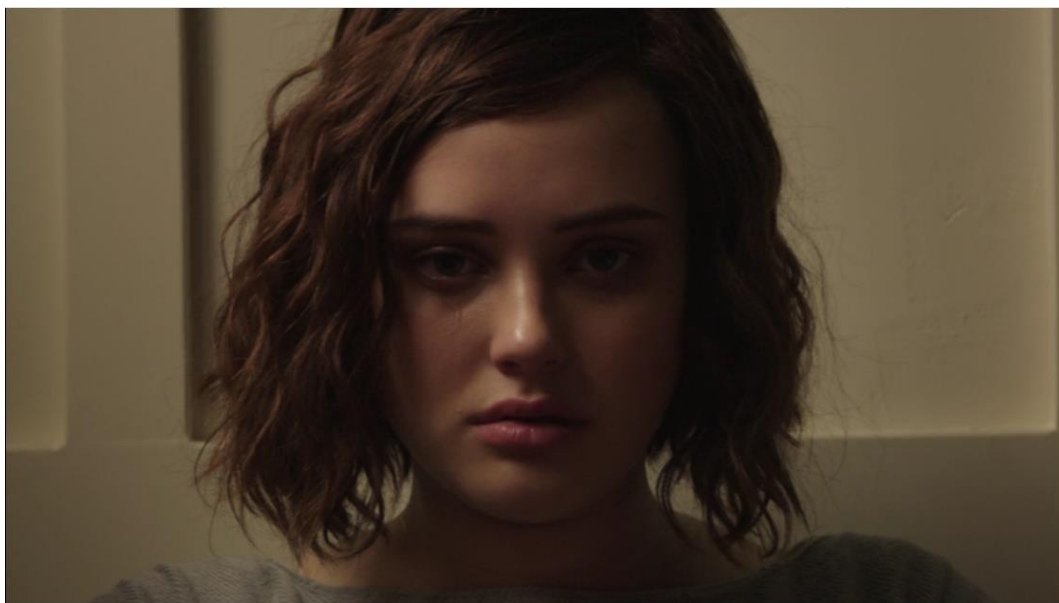
Nessas sentenças podemos ver os sentimentos de desamparo, de “nada nunca vai melhorar”. A noção de que o mundo é dor e não existe saída. Também existe a censura a si mesmo, a auto avaliação distorcida. Em termos de imagem, a figura de Hannah se transforma muito durante a série. Do episódio um, ao episódio treze, notamos o agravamento claro da depressão.

Figura 21 -Hannah no início da série (Episódio 1)



Fonte: *13 Reasons Why* (2017)

Figura 22 - Hannah no final da série (Episódio 13)



Fonte: *13 Reasons Why* (2017)

Vimos como Edgar Morin aborda o quesito do amor romântico como obsessão da vida e vimos como esse amor é importante para Hannah Baker. Porém, o que não vimos ainda, é como a série faz questão de frisar que, se Hannah e Clay Jensen tivessem ficado juntos, em um relacionamento romântico, ela poderia não ter se matado.

Figura 23- Hannah e Clay juntos em devaneio (Episódio 11)



Fontes: *13 Reasons Why* (2017)

A série apoia essa mentalidade, cedendo uma cena onde, ao invés de sair do quarto como Hannah haveria mandado, Clay teria ficado e dito a ela que a amava. Na pequena montagem apresentada pela série, na qual Hannah afirma “Era a primeira vez em muito tempo que eu consegui me imaginar tendo um futuro feliz”, vemos os dois juntos sorrindo, assim como as outras pessoas da escola, incluindo Bryce Walker, responsável pelo estupro da personagem. Essa representação bebe da antiga noção de que “um príncipe encantado” era tudo que Hannah precisava para conseguir superar seus problemas psicológicos.

[...] em contos de fadas clássicos, o herói só aparece no final, e então não como um homem de carne e osso, mas como a prova viva de que a heroína agora está madura o suficiente para o amor e o casamento; é uma espécie de presente de formatura (GOULD apud. MENDES, 2013, p. 35).

Apesar de possuir essa premissa, em *13 Reasons Why*, a heroína morre ao invés de ser salva pelo príncipe. Clay Jensen, todavia, continua sendo o herói de outras maneiras, buscando justiça para sua amada. De toda maneira, mesmo sendo protagonista, Hannah Baker deve aos homens sua queda e sua salvação. Esse tipo de construção, apenas reitera o caráter machista presente na narrativa. Além disso, simplifica as doenças psicológicas, bem como o suicídio, contrariando o Manual da OMS: “O suicídio não deve ser mostrado como inexplicável ou de uma maneira simplista” (OMS, 2000). Supor e construir a narrativa de forma que leve o espectador a deduzir que Clay Jensen poderia ter salvado Hannah apenas dizendo que a amava pode ser extremamente prejudicial para o entendimento da complexidade de ambos o suicídio e a depressão. No tópico seguinte abordaremos diretamente o suicídio de Hannah Baker, bem como a sua representação na série.

6.4 SUICÍDIO

Dentre todas as polêmicas geradas por *13 Reasons Why*, a de maior poder, sem dúvida, diz respeito ao suicídio de Hannah Baker. Em outubro de 2017, um grupo de pesquisadores norte-americanos liderados por John Ayers³⁷, empreendeu um estudo que buscava avaliar os efeitos da série baseados em tópicos e assuntos pesquisados no site Google. A matéria foi publicada pela Associação Médica Americana.³⁸

³⁷ epidemiologista americano, pesquisador da Universidade Estadual de San Diego

³⁸ Disponível em < <https://jamanetwork.com/journals/jamainternalmedicine/fullarticle/2646773>>. Acesso em 2 de outubro de 2018

A equipe de pesquisadores liderada por Ayers analisou as buscas feitas por americanos em um grande buscador da internet, entre 31 de março, data do lançamento da série, e 18 de abril, véspera do suicídio do jogador de futebol americano Aaron Hernandez. A escolha teve como propósito não contaminar o motivo das buscas com o interesse despertado pela morte do atleta. Eles analisaram o volume de buscas de 20 termos ligados a suicídio, como a palavra em si e outras expressões associadas: “como se matar”, “ideação suicida”, “prevenção do suicídio”, “suicídio indolor”, “suicide hotline” (telefones de serviços de apoio psicológico). O resultado não causou muita surpresa: “O lançamento de *13 reasons why* foi seguido rapidamente por um aumento nas buscas na internet relacionadas a suicídio, incluindo métodos para se matar”, afirma Ayers. No período estabelecido pelo estudo, a procura por temas relacionados a esse universo foi 19% maior do que era esperado, conforme projeções feitas com base em períodos anteriores. As buscas chegaram a 1,5 milhão a mais. O estudo revelou que a maioria das pesquisas on-line se referia à ideia suicida, associada ao interesse e ao planejamento mental do suicídio. A expressão “como cometer suicídio” teve um aumento de 26% nas buscas, seguida por “pensamentos suicidas” e “citações sobre suicídio”. As expressões “cometer suicídio” e “como se matar” aumentaram 18% e 9%, respectivamente, no período ³⁹. (BUSCATO, 2017, online).

O estudo demonstrou também, porém, um aumento de 20% em pesquisas para métodos de prevenção de suicídio, o que reforçaria o caráter ambíguo de influência da série que parece prevalecer em todas as pesquisas sobre o assunto. Ayers, contudo, olha para os resultados de forma pessimista. Porque se, de um lado aumentou a procura por métodos de prevenção também trouxe à tona com muita força a idealização do suicídio.

O Manual de Prevenção ao suicídio da OMS fortemente desaprova a representação de vítimas do suicídio de maneira idealizada: “A glorificação de vítimas de suicídio como mártires e objetos de adoração pública pode sugerir às pessoas suscetíveis que a sociedade honra o comportamento suicida. Ao contrário, a ênfase deve ser dada ao luto pela pessoa falecida.”

Essa recomendação ganha ainda mais força considerando o público alvo, como dito em tópicos anteriores.

“Essa imersão na história e nas imagens pode ter um efeito particularmente forte nos adolescentes, cujo cérebro ainda está desenvolvendo a habilidade de inibir certas emoções, desejos e ações”, afirma a psicóloga americana Kimberly O’Brien, que trabalha com prevenção de suicídio entre adolescentes no Hospital Infantil de Boston

³⁹ Matéria da Época disponível em < <https://epoca.globo.com/saude/check-up/noticia/2017/07/serie-13-reasons-why-estimulou-ideias-de-suicidio-diz-estudo.html>>. Acesso em 3 de novembro de 2018

e é uma das autoras do editorial que acompanha a publicação do novo estudo. “Para os adolescentes que já pensaram ou estão pensando em suicídio, esse impacto pode ser ainda maior porque para eles a história é totalmente condizente com sua realidade”, disse Kimberley a ÉPOCA. A série, a despeito das preocupações, tornou-se instantaneamente um estrondoso sucesso, em parte por lidar com as angústias e os problemas que os adolescentes enfrentam: pressão para serem aceitos, bullying, difamação nas redes sociais, preconceito de gênero, violência sexual e falta de diálogos com os pais e educadores (BUSCATO 2017).

Discutimos sobre como o suicídio se torna a única opção viável para uma adolescente como Hannah Baker, imersa em um mundo completamente injusto. Apesar de ser uma narrativa que se aproxima da realidade, também eleva Hannah da posição de vítima para “justiceira” assim que ela comete o suicídio. Dessa forma, ocorre a idealização.

A série foi duramente criticada principalmente pelo episódio 13, quando Hannah Baker comete o suicídio, em uma demonstração detalhada e gráfica, como Brian York já teria se pronunciado a favor, sob o pretexto de imprimir realismo (vide página 37). É interessante notarmos que a forma de suicídio de Hannah Baker se altera do livro para a série. Na adaptação seriada, Hannah Baker corta seus pulsos em uma banheira ao passo que a personagem do livro morre em uma overdose por medicamentos. A escolha por um método tão popular e gráfico de suicídio põe em dúvida se o objetivo de Brian York seria conscientizar ou chocar.

Antes da fatídica cena no episódio treze, encontramos o corpo de Hannah Baker nas visões e sonhos de Clay Jensen. Em um dos sonhos, no episódio 5, Clay e Hannah dançam no baile da escola, banhados em uma luz azul. Em determinado momento, Hannah se distancia dele com os braços sangrando profusamente e clama a Clay que faça alguma coisa (FIGURA 24).

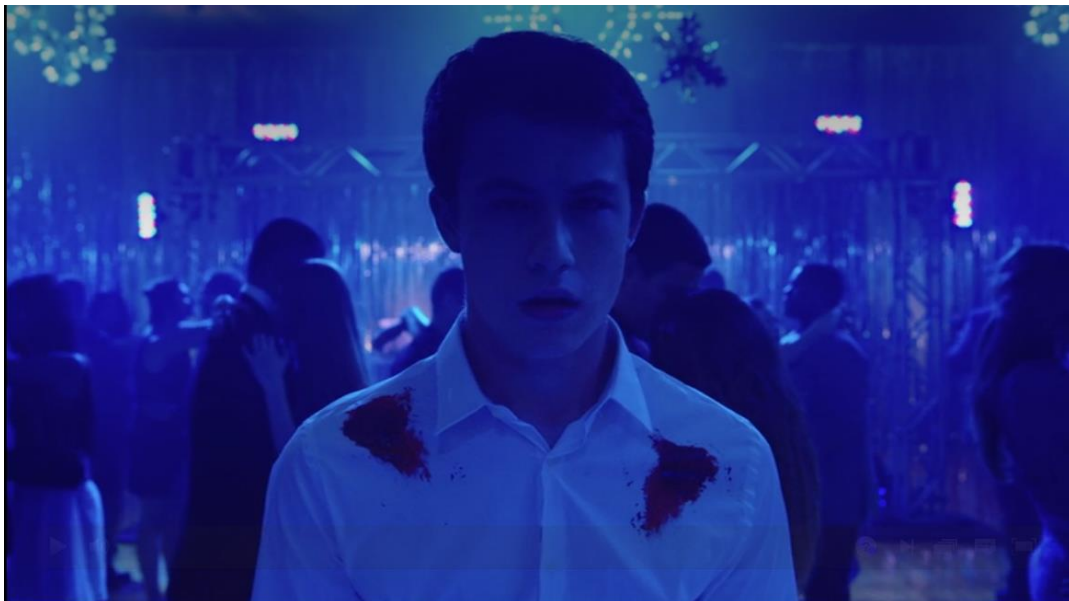
Figura 24 - Hannah com os pulsos cortados no sonho de Clay (Episódio 5)



Fonte: *13 Reasons Why* (2017)

Clay, por sua vez, apenas consegue olhar para ela, com marcas de sangue em sua camisa (FIGURA 25).

Figura 25 - Clay com a camisa suja com o sangue de Hannah (Episódio 5)



Fonte: *13 Reasons Why* (2017)

No episódio 7, a visão de Clay acontece durante um jogo de basquete, onde vê o corpo de Hannah Baker no meio da quadra, envolto por uma poça de sangue, novamente com os pulsos cortados (FIGURA 26).

Figura 26-Visão de Hannah morta na quadra de basquete (Episódio7)



Fonte: *13 Reasons Why* (2017)

A imagem de Hannah morta sempre é uma imagem bonita, quase canonizada. O uso do vestido branco, assim como o posicionamento na quadra de basquete até mesmo muito lembra o quadro *Ophelia* (1851-1852), de John Everett Milais, que representa o suicídio da personagem Ofélia na obra *Hamlet* de Shakespeare (FIGURA 27).

Figura 27- Ophelia de John Everett Milais (1851-1852)



Fonte: Wikipedia.org

A imagem da morte de Hannah Baker é bonita, assim como sua ascensão como mártir. Apenas a partir do seu sacrifício, as pessoas de *Liberty High School* começaram a se mover em direção a mudança. Esse pensamento é problemático considerando tudo que foi discutido até agora.

No episódio treze, o suicídio de Hannah Baker é narrado por Clay Jensen: “Então ela foi pra casa, colocou algumas roupas velhas. Ela foi ao banheiro, encheu a banheira, abriu a caixa de lâminas que pegou da loja dos pais naquela manhã. Ela entrou na banheira, vestida, cortou os pulsos e sangrou até morrer. E ela morreu sozinha.” Essa descrição é complementada pelas imagens de Hannah Baker que em uma sucessão de planos longos e sem música, procede a realizar o suicídio. A OMS recomenda fortemente que esse tipo de representação seja evitado. Em seu Manual de Prevenção ao Suicídio, afirma:

Devem ser evitadas descrições detalhadas do método usado e de como ele foi obtido. As pesquisas mostraram que a cobertura dos suicídios pelos meios de comunicação tem impacto maior nos métodos de suicídio usados do que na frequência de suicídios. Alguns locais – pontes, penhascos, estradas de ferro, edifícios altos, etc – tradicionalmente associam-se com suicídios. Publicidade adicional acerca destes locais pode fazer com que mais pessoas os procurem com esta finalidade (OMS, 2000).

Como se a descrição de Clay não fosse a suficiente, podemos ver Hannah desde o momento em que ela obtém as lâminas para o suicídio, na loja dos pais, pegando-as sem permissão com a presença deles no recinto (FIGURA 28 e 29).

Figura 28 - Hannah rouba as lâminas na farmácia dos pais (Episódio 13)



Fonte: *13 Reasons Why* (2017)

Figura 29- Lâminas utilizadas no suicídio (Episódio 13)



Fonte: *13 Reasons Why* (2017)

Na obra *Os Sofrimentos do Jovem Werther*, o personagem principal se mata com um tiro na cabeça e seu suicídio seria imitado por diversos jovens da Europa nos meses que se seguiriam, pois Goethe, ao acompanhar cada um dos passos do ato inclusive o sofrimento da

personagem, que morreu apenas horas depois, cria uma noção de martírio e romance ao redor do ato. A mesma coisa acontece em *13 Reasons Why*.

Figura 30 - Hannah se olha no espelho, momentos antes de suicídio (Episódio 13)



Fonte: *13 Reasons Why* (2017)

Figura 31 - Manuseio da ferramenta de suicídio (Episódio 13)



Fonte: *13 Reasons Why* (2017)

Vemos Hannah Baker se encarar no espelho (FIGURA 30), retirar as lâminas (FIGURA 31), ligar a banheira e entrar (FIGURA 32). Vemos a personagem hesitar e lágrimas escorrem pelo seu rosto. Se revisitarmos o conceito de gatilhos aqui compreenderemos o quão

problemática essa sequência se torna. Os gatilhos operam de forma inconsciente e podem levar a pessoa a atitudes impensadas, especialmente em estado de crise.

Figura 32 - Hannah na banheira (Episódio 13)



Fonte: *13 Reasons Why* (2017)

Figura 33 - Detalhe da lâmina na pele (Episódio 13)



Fonte: *13 Reasons Why* (2017)

O realismo de Bryan York, assim, complementando seu discurso sem saída para as vítimas de depressão, termina com um manual de instruções para o suicídio, incluindo obtenção de métodos e a maneira exata de como se cortar os pulsos que resulte em morte. (FIGURA 33 e 34).

Figura 34 - Hannah Baker corta os pulsos (Episódio 13)



Fonte: *13 Reasons Why* (2017)

O sangue na água, assim com a respiração rasgada e o desespero de Hannah Baker oferece uma sequência demasiadamente gráfica. Apesar de ter sido atestado pela OMS em um relatório da OMS que os modos de suicídio mais comuns eram por enforcamento e armas de fogo (OMS, 2014), cortar os pulsos é um método popular especialmente no cinema e entre os jovens. A água vermelha, a morte lenta, tudo isso adiciona um grau de romantização ao ato, que novamente, foi adaptado do livro para a série, tomando contornos mais violentos do que o texto original.

O próximo impacto do episódio vem com a descoberta do corpo da personagem. Olivia Baker (Kate Walsh) descobre Hannah na banheira e aos gritos chama o pai dela até a cena Andrew Baker (Brian D'arcy James). A cena é marcada por apenas mais desespero e sofrimento. A água da banheira, agora completamente vermelha, é vívida (FIGURA 34). O *Reporting on Suicide.org* fala recomenda que não se exponha o sofrimento de parentes e amigos, porém a esse ponto, já não existe praticamente nada a ser exposto.

Com a cena do suicídio no episódio treze da série, aliado aos outros conceitos explorados nesse trabalho, *13 Reasons Why* desrespeita todas as recomendações do Manual para Comunicadores da OMS e praticamente todas as recomendações do *Reporting on Suicide.org*.

Figura 35 - Pais de Hannah Baker a encontram morta (Episódio 13)



Fonte: *13 Reasons Why* (2017)

7. CONCLUSÃO

No século XXI, após um longo caminho de estudos, de indagações nos encontramos em um contexto mais esclarecido sobre as doenças psicológicas que acometem o ser humano. A era manicomial deu lugar aos consultórios de terapia, aos antidepressivos, ao Setembro Amarelo.⁴⁰ Entendeu-se que para tratar a mente humana, não se pode afastar, hostilizar, machucar. Entendeu-se que a depressão é uma doença e o suicídio pode ser uma consequência fatal desta. Dessa compreensão também nasceu a necessidade de prevenção. Por esse motivo, a OMS e diversos órgãos criados ao redor do mundo, se puseram a tratar desses assuntos com prioridade.

O *Manual para Profissionais da Mídia* de 2000, bem como o *Reporting on Suicide.org*, foram criados a partir dessa necessidade de prevenção. Eles contêm, em suas recomendações, anos de estudos direcionados para o efeito de contágio, observado por Émile Durkheim e confirmado ao passar dos anos por outros profissionais que se propuseram a observá-lo. O desrespeito dessas recomendações, apesar de ficar a critério dos criadores de conteúdo e dos comunicadores, gera consequências.

O seriado *13 Reasons Why*, apenas em sua primeira temporada, desrespeita todas as recomendações do Manual para Profissionais da Mídia e praticamente todas as recomendações do *Reporting on Suicide.org*. Esse tipo de escolha narrativa, embasada em um desejo de realismo gráfico para um público adolescente, em idade de formação de conceitos, nos leva a crer que o seriado não faz bem o papel a que se propôs.

A premissa de conscientização se perde entre mensagens confusas e deixa um gosto amargo na boca: De que maneira a depressão e o suicídio estão sendo tratados nessa série? Indagamos no início desse trabalho e a resposta é com irresponsabilidade.

Uma pesquisa realizada nos 1990 pela epidemiologista psiquiátrica Madelyn Gould, uma das referências nesse tipo de estudo, sugere que os jovens são, de fato, mais vulneráveis ao efeito de contágio do suicídio. A pesquisadora da Universidade Columbia, nos Estados Unidos, investigou as conexões entre diferentes casos de suicídio, concentrados em alguns períodos e regiões, e concluiu que adolescentes entre 15 e 19 anos que haviam sido expostos a relatos de suicídios tinham entre duas e quatro vezes mais chances de se matar do que pessoas de outras faixas etárias. A preocupação com a suscetibilidade dos jovens também tem outras razões. Nas últimas décadas, o suicídio entre os 15 anos e 29 anos se tornou a segunda causa de morte, segundo a

⁴⁰ Movimento de Conscientização Brasileiro de Prevenção ao Suicídio iniciado em 2015.

Organização Mundial da Saúde (OMS). No Brasil, em 30 anos, aumentou 25% entre os 15 anos e 19 anos: passou de 3,1 suicídios a cada 100 mil habitantes em 1980 para 3,9 em 2012 (BUSCATO, 2017,online).

Observamos um aumento nas taxas de suicídio ao redor do mundo, inclusive no Brasil. Observamos que os adolescentes são um grande grupo de risco. Ainda que a necessidade de conscientização exista sim, *13 Reasons Why* não é a melhor maneira de fazê-la. Essa conscientização precisa ser feita por meio de diálogo, terapia, integração entre jovens e adultos, criando um ambiente seguro para que o jovem possa pedir ajuda e ser ouvido.

O Centro de Valorização da Vida (CVV), bem como outras iniciativas no Brasil, oferece apoio e ajuda. O SUS também dispõe de atendimento psicológico gratuito. “Existem ainda algumas alternativas além do SUS, que são as Clínicas-Escola, Instituições (como ONGs, Empresas parceiras de clínicas e hospitais) e os Psicólogos/Psicanalistas e Psiquiatras que realizam de forma independente atendimentos a valores reduzidos ou de graça” (JANIRO, 2018).

A inclusão do assunto cada vez mais em palestras, em cartilhas e informativos e a abertura para conversar sobre doenças e aflições psicológicas pode trazer ao suicídio e a depressão finalmente o olhar que devem receber para aos poucos se libertarem dos estigmas que os cercam. A psicofobia e todo qualquer tipo de preconceito só pode ser combatido a partir da informação. Deixemos a história de Hannah Baker onde merece estar: na ficção, como um exemplo do que não deve ser feito em quesitos de representação de doenças psicológicas e busquemos cada vez mais, maneiras mais eficazes, conscientes e seguras de representar assuntos tão importantes.

REFERÊNCIAS

13 Razões Porquê. Direção: Bryan York. Adaptação do livro de Jay Asher. [S.l.]: Netflix, 2017. 13 episódios (40-60 min), *stream, color*. Título original: 13 Reasons Why

ALCÂNTARA, Camila Bonfim; CAPISTRANO, Fernanda Carolina; CZARNOBAY, Juliana; FERREIRA, Aline Cristina Zerwes; BRUSAMARELLO, Tatiana ; MAFTUM, Mariluci Alves. A terapêutica medicamentosa às pessoas com transtorno mental na visão dos profissionais da enfermagem. **Anna Nery**. v.22. s.2. Curitiba, 2018.

ALCORÃO SAGRADO. Tradução de Samir El Hayek. 1322 f. [S.I]: LCC publicações eletrônicas, 2006. Disponível em < <http://www.ebooksbrasil.org/adobeebook/alcorao.pdf>>. Acesso em 12 de nov.de 2018.

ALVES, Alyne Brandão. **Adolescência e a Construção da Identidade: Análise e Discussão da Sexualidade e Influência da Mídia na Adolescência**. Rio Branco: Alcar, 2016.

ARBOUR, NICOLE. Why Depression is all in your head. 2018. Disponível em < <https://www.youtube.com/watch?v=YAAoVpP3BQM&t=8s>>. Acesso em 24 de set. de 2018.

ASSUMPÇÃO, Gloria Lopes Silva; OLIVEIRA, Luciele Aparecida; SOUZA, Mayra Fernanda silva. Depressão e Suicídio: Uma Correlação. **Pretextos**. Belo Horizonte. v. 3, n. 5, jan./jun. 2018

AYERS, John W; ALTHOUSE, Benjamin M; LEAS, Eric C; DREDZE, Mark; ALLEM, Jon-Patrick. **Internet Searches for Suicide Following the Release of 13 Reasons Why**. *JAMA Intern Med*. 2017;177(10):1527–1529. doi:10.1001/jamainternmed.2017.3333

BARDIN, Laurence. Análise de conteúdo. Tradução de Luís Antero Reto e Augusto Pinheiro. Lisboa: Edições 70, 2002.

BÍBLIA SAGRADA. Tradução de Ivo Storniolo. São Paulo: PAULUS, 2005. 1360 p. Velho Testamento e Novo Testamento.

BLICKLEY, Leigh. **“13 Reasons Why” começou uma conversa séria. Quem é o responsável por terminá-la?** Disponível em <https://www.huffpostbrasil.com/2018/05/30/13-reasons-why-comecou-uma-conversa-seria-quem-e-o-responsavel-por-termina-la_a_23446885/> Acesso em 1 de out. de 2018.

BRAGA, Luísa de Lima; DELL'AGLIO, Débora Dalbosco. Suicídio na adolescência: fatores de risco, depressão e gênero. **Contextos Clínicos**. Porto Alegre. v.6, s.1, janeiro/junho 2013.

BREJÓN, André. O poder dos “gatilhos mentais”. Disponível em: <http://andrebregon.com.br/noticias/wp-content/uploads/2017/07/ebook-10-GATILHOS-MENTAIS_REV.pdf> Acesso em: 22 de out.de 2018.

BRUM, Maurício; LISBOA, Sílvia. O impacto da série '13 Reasons Why' na visão de jovens brasileiros sobre suicídio e bullying, segundo estudo. Disponível em <<https://www.bbc.com/portuguese/brasil-45064888>>. Acesso em 12 de out. de 2018.

BUSCATO, Marcela. Série 13 Reasons Why estimulou ideias de suicídio, diz estudo. Disponível em <<https://epoca.globo.com/saude/check-up/noticia/2017/07/serie-13-reasons-why-estimulou-ideias-de-suicidio-diz-estudo.html>>. Acesso em 3 de nov. de 2018.

CARVALHO MOURA, Anira Carolina Meneses. Representações Femininas em Branca de Neve e os Sete Anões e Valente. 120. f. Tese (Graduação) – Curso de Comunicação Social, Universidade Católica de Brasília, 2013.

CARVALHO, Ulisses Wehby. **Flashback: Qual é o significado e a tradução de “flashback”?** Disponível em< <http://www.teclasap.com.br/flashback/>>. Acesso em 1 de out. 2018.

CHACHAMOVICH, Eduardo; STEFANELLO, Sabrina; BOTEGA, Neury; TURECKI, Gustavo. Quais são os recentes achados clínicos sobre a associação entre depressão e suicídio? **Revista Brasileira de Psiquiatria**. São Paulo, v.31, s.1, 2009.

COFFEY, Rebecca. **What's really behind slut shaming**. Disponível em <<https://www.psychologytoday.com/gb/blog/the-bejeezus-out-me/201406/whats-really-behind-slut-shaming>>. Acesso em 31 de out. de 2018.

CRUVINEL, Monica Vasconcellos. **Rastros Virtuais de uma morte (A) Enunciada**: Uma análise dos discursos do suicídio pelas páginas “brasileiras” do Orkut. 198.f. Tese (Pós-Graduação) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade de Campinas, 2008.

DARWIN, Charles. **A Origem das Espécies**. Tradução de Joaquim da Mesquita Paul. Portugal: Lello & Irmão, 2003.

DEL PORTO, José Alberto. Conceito e diagnóstico. **Revista Brasileira de Psiquiatria**. São Paulo, v.21, s.1, Maio 1999.

DRUMONT, Mary Pimentel. Elementos para uma análise do machismo. **Perspectivas**. São Paulo, 3: 81-85, 1980.

DURKHEIM, Émile. **O Suicídio**. 1. ed. São Paulo: Martins, 2000.

ELÓI, Jorge. **Sentimento de Culpa: origem e consequências**. Disponível em <http://www.psicologiafree.com/areas-da-psicologia/psicologia_clinica/sentimento-de-culpa-origem-e-consequencias/>. Acesso em 20 de out. de 2018.

FOUCAULT, Michel. **História da Loucura na Idade Clássica**. Tradução de José Teixeira Coelho Netto. São Paulo: Perspectiva, 1978.

FRANCO, Maria Laura. **Análise de conteúdo**. 2. ed. Brasília: Liber Livro, 2005.

FREUD, Sigmund. **Além do Princípio de Prazer, Psicologia de grupo e outros trabalhos (1920 -1922)**. Rio de Janeiro: Imago, 2017.

FREUD, Sigmund. **Luto e Melancolia**. Tradução de Marilene Carone. 1.ed. São Paulo: Cosac Naify, 2013.

GONÇALES, Cintia Adriana Vieira; MACHADO, Ana Lúcia. Depressão, o mal do século: de que século? **Revista Enfermagem UERJ**. Rio de Janeiro. v.15, n.2, abr/jun. 2007

JANIRO, Ane Caroline. **Atendimento Psicológico Gratuito: onde buscar?** Disponível em <<https://psicologiaacessivel.net/2015/09/17/atendimento-psicologico-gratuito-onde-buscar/>>. Acesso em 5 de nov.de 2018.

LANDEIRA-FERNANDEZ, Jesus; CHENIAUX, Elie. **Cinema e Loucura: Conhecendo os transtornos mentais através dos filmes**. São Paulo: Artmed, 2010.

LAWLOR, Clark. **From Melancholia to Prozac: a history of depression**. Inglaterra: Oxford University Press, 2012.

MARTINS, Ricardo Evandro. **Freud e a “pulsão da morte” como outra dimensão do instinto de sobrevivência**. Disponível em <<https://ricardoevandromartins.wordpress.com/2017/01/21/freud-e-a-pulsao-de-morte-como-outra-dimensao-do-instinto-de-sobrevivencia/>> Acesso em 10 de set. de 2018.

MICHAELIS ONLINE. Disponível em <<https://michaelis.uol.com.br/>>. Acesso em 20 de out.de 2018.

NARCISO, Anderson. **Criador de 13 Reasons Why tentou justificar cena que chocou público na 2º temporada**. Disponível em <<http://mixdeseries.com.br/criador-de-13-reasons-why-tentou-justificar-cena-que-chocou-o-publico-na-2a-temporada/>>. Acesso em 29 de out.de 2018.

NELSON, Valente. **Freud, e a teoria dos instintos**. Disponível em <<http://gibanet.com/2010/08/14/freud-e-a-teoria-dos-instintos/>>. Acesso em 15 de set. de 2018.

OLIVEIRA CASTRO, Mariana Porto. **Suicídio e família: concepção de psicólogos e psiquiatras**.107. f. Tese (Graduação) –Faculdade de Ciências da Saúde, Centro Universitário Uniceub, 2005.

OLIVEIRA, Leonardo. A morte no mito de Ajax. **Revista Estética Semiótica**. Brasília, v.6, s.2, 2016.

OLIVEIRA, Lúcio. **13 Reasons Why é a série mais assistida no mundo por cinco semanas consecutivas, segundo relatório do TV TIME**. Disponível em <<http://pipocasclub.com.br/2018/06/19/13-reasons-why-mais-assistida/>>. Acesso em 1 de out. de 2018.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE – **Campanha “Doe um minuto do seu tempo. Mude uma vida” busca conscientizar sobre prevenção ao suicídio**. Disponível em <https://www.paho.org/bra/index.php?option=com_content&view=article&id=5321:depressao-e-tema-de-campanha-da-oms-para-o-dia-mundial-da-saude-de-2017&Itemid=839 >. Acesso em 11 de nov. de 2018.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE – OMS. **“Suicídio é grave problema de saúde pública e sua prevenção deve ser prioridade”, afirma OPAS/OMS**. Disponível em<https://www.paho.org/bra/index.php?option=com_content&view=article&id=5671:folha-informativa-suicidio&Itemid=839>. Acesso em 19 de set. de 2018.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE – OMS. **Com depressão no topo da lista de causas de problemas de saúde, OMS lança a campanha “vamos conversar”**. Disponível em <https://www.paho.org/bra/index.php?option=com_content&view=article&id=5385:com-

[depressao-no-topo-da-lista-de-causas-de-problemas-de-saude-oms-lanca-a-campanha-vamos-conversar&Itemid=839](#)>. Acesso em 11 de nov. de 2018.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE – OMS. **Depressão é tema de campanha da OMS para o dia mundial da saúde de 2017.** Disponível em <https://www.paho.org/bra/index.php?option=com_content&view=article&id=5321:depressao-e-tema-de-campanha-da-oms-para-o-dia-mundial-da-saude-de-2017&Itemid=839 >. Acesso em 11 de nov. de 2018.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE – OMS. **Folha Informativa: Depressão.** Disponível em <https://www.paho.org/bra/index.php?option=com_content&view=article&id=5635:folha-informativa-depressao&Itemid=822>. Acesso em 29 de out. de 2018.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE – OMS. **Folha Informativa: Suicídio.** Disponível em <https://www.paho.org/bra/index.php?option=com_content&view=article&id=5671:folha-informativa-suicidio&Itemid=839>. Acesso em 19 de set. de 2018.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE – OMS. Página online. Disponível em <<https://www.paho.org/bra/>>. Acesso em 2 de ago. de 2018

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE – OMS. **Prevenção do suicídio: Um manual para profissionais da mídia.** Genebra: 2000. Disponível em <https://www.who.int/mental_health/prevention/suicide/en/suicideprev_phc_port.pdf> Acesso em 26 de set. de 2018.

OSMARIN, Vanessa Maria. **Suicídio: o luto dos sobreviventes.** Disponível em <<http://www.psicologia.pt/artigos/textos/A0981.pdf>>. Acesso em 29 de outubro de 2018.

PAUL, LOGAN. **We found a dead body in the Japanese suicide forest.** 2017. Reupload Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=LaWYTbu4qsw> >. Acesso em: 6 de nov. de 2018

PENAFRIA, Manuela. **Análise de filmes** – conceito e metodologia(s). VI Congresso. Lisboa: SOPCOM, 2009.

PEREIRA, Claudemir Carlos. A análise da construção do suicídio através da narrativa de um amor impossível na obra Os sofrimentos do jovem Werther, de Goethe. **Revista sem Aspas**. v.4, n.1, São Paulo, jan/junho 2015.

PERES, Urania Tourinho. **Depressão e Melancolia**. 3. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

PSQUIATRIA GERAL. **Classificação DSM-IV. Códigos e categorias dos eixos I e II**. Disponível em <https://www.psiquiatriageral.com.br/dsm4/dsm_iv.htm>. Acesso em 1 de nov. de 2018.

REGINA, Charli; OLIVEIRA, Jordana; BOURGUIGNON, Jussara. **Análise de Conteúdo: um instrumento para a pesquisa em Ciências Sociais**. I Congresso internacional de política social e serviço social: desafios contemporâneos. Londrina: 2015.

REPORTING ON SUICIDE. ORG - **Recommendations for reporting on suicide**. Disponível em <<http://reportingonsuicide.org/recommendations/>>. Acesso em 30 de out. de 2018.

REVISTA SUBJETIVA. **13 Reasons Why e a irresponsabilidade ao falar sobre estupro**. Disponível em <<https://medium.com/revista-subjetiva/13-reasons-why-e-a-irresponsabilidade-ao-falar-sobre-estupro-b1dbb1f53f19>>. Acesso em 23 de out. de 2018.

REY PUENTE, Fernando (Org). **Os Filósofos e o Suicídio**. Belo Horizonte: UFMJ, 2008.

SHAKESPEARE, William. **Hamlet**. Edição de Ridendo Castigat Mores. Ebooks online: Jahr.org, 2000. Disponível em <<http://www.ebooksbrasil.org/adobeebook/hamlet.pdf>>. Acesso em 22 de set. de 2018.

SILVA, Ailim Oliveira Braz. **A cobertura proibida: O suicídio, o jornalismo e o caso do Pátio Brasil**. 146. Ft. Livro (Graduação). Universidade Católica de Brasília, 2008.

SOLOMON, Andrew. **O demônio do meio-dia: uma anatomia da depressão**. Tradução de Myriam Campello. Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 2002.

TAVARES, Leandro Anselmo Todesqui. **A depressão como mal-estar contemporâneo: medicalização e (ex-) sistência do sujeito depressivo**. 137 f. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Ciências e Letras de Assis – Universidade Estadual Paulista.

TEIXEIRA, Marco Antônio Rotta; HASHIMOTO, Francisco. **Da melancolia à depressão: genialidade versus loucura**. São Paulo: UNESP, 2018. Disponível em <

http://www2.assis.unesp.br/encontrosdepsicologia/ANAIS_DO_XIX_ENCONTRO/21_Marco_Antonio_Rotta_Teixeira.pdf>. Acesso em 9 de outubro de 2018.

VENTURA, Felipe. **Por que o vídeo desse Youtuber famoso sobre a “floresta da morte” é tão problemático.** Disponível em <<https://tecnoblog.net/231183/logan-paul-polemica-youtube/>>. Acesso em 5 de novembro de 2018.

ZARRAGOITÍA, Ignacio. **Depresión: generalidades y particularidades.** La Habana: Ecimed, 2011.